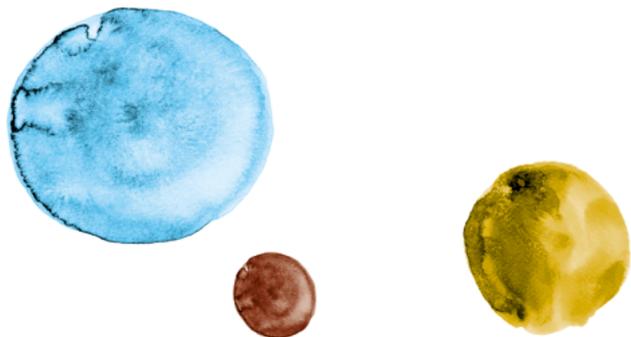




# 14<sup>ª</sup> MOSTRA CINEMA E DIREITOS HUMANOS 2024

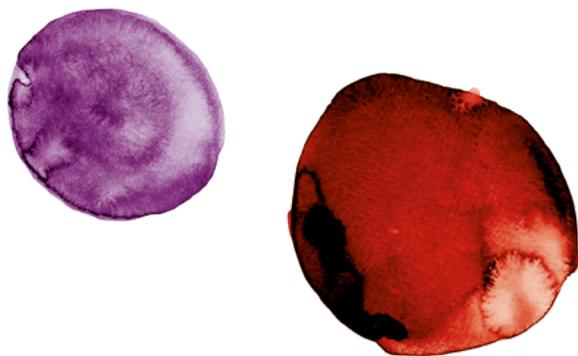
VIVER COM DIGNIDADE É DIREITO HUMANO

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania apresenta



# 14<sup>ª</sup> MOSTRA CINEMA E DIREITOS HUMANOS

VIVER COM DIGNIDADE É DIREITO HUMANO



BRASIL, 2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

14ª Mostra cinema e direitos humanos [livro eletrônico] : viver com dignidade é direito humano. -- 1. ed. -- Niterói, RJ : Renata da Silva Palheiros, 2024.  
PDF

Vários colaboradores.  
ISBN 978-65-01-21738-3

1. Cinema 2. Cinema - Apreciação 3. Cinema - História e crítica 4. Crítica cinematográfica 5. Direitos humanos.

24-237255

CDD-791.4375

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Cinema : Apreciação crítica 791.4375

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

14ª Mostra Cinema e Direitos Humanos

Produção do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense - UFF

Realização do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

Brasil, 2024

# índice

## APRESENTAÇÕES

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania	09
Reitoria da Universidade Federal Fluminense	11
Departamento de Cinema e Vídeo   UFF	12

## O EVENTO

A Mostra Cinema e Direitos Humanos INDIA MARA MARTINS	14
Calendário – Um ano inteiro com a MCDH	17

## OFICINAS

O cinema como experiência apropriável – maneiras de partilha de uma prática CEZAR MIGLIORIN DOUGLAS MORAIS RESENDE	22
---	----

## A CURADORIA E OS FILMES DA MOSTRA

A lei da convivência entre os diferentes e a esperança de paz 31  
LÚCIA RAMOS MONTEIRO

Corpos e territórios na luta por dignidade 35  
BRENO HENRIQUE  
LÚCIA MONTEIRO  
MARCELO RIBEIRO  
RENATA MASINI HEIN

O que deseja um corpo com deficiência? 38  
LUCAS SAADALLAH – representante da ANOMALIA FILMES

## HOMENAGEM

“Cada filme que faço me ensina alguma coisa” 41  
– Entrevista com Cristina Amaral  
ELIANNE IVO BARROSO  
LÚCIA RAMOS MONTEIRO

## SESSÕES

### Sessão Abertura 48

*ABÁ* (Cristina Amaral , Raquel Gerber, 1992)  
*BELOS CARNAVAIS* (Thiago B. Mendonça, 2020)  
*SEM ASAS* (Renata Martins, 2019)  
*CONFLUÊNCIAS* (Dácia Ibiapina, 2024)

### Sessão Homenagem 1 53

*CIDADE; CAMPO* (Juliana Rojas, 2024)

### Sessão Homenagem 2 55

*CURTAS JORNADAS NOITE ADENTRO* (Thiago B. Mendonça, 2021)

### Sessão Territórios e Dignidade 57

*MARÉ BRABA* (Pâmela Peregrino, 2023)  
*ÁGUA RASA* (Dani Drumond, 2023)  
*MANSOS* (Juliana Segóvia, 2024)  
*SOMOS TERRA* (Elisabete Christofolletti e Nilson Santos, 2020)  
*MÁQUINAS DE LAZER* (Italo C Zaccaron, 2023)  
*PULMÃO DE PEDRA* (Torquato Joel, 2023)  
*MARÉS DA NOITE* (Juliana Sada e Noemi Martinelle, 2024)

### Sessão Depois do Expediente 65

*BIG BANG* (Carlos Segundo, 2022)  
*HABITO* (Fernando Santos, 2023)  
*MBORAYHU ÑEMOHEÑOI: A LUTA DAS MULHERES AVÁ GUARANI* (Carol Mira, 2022)  
*SOBRE A CABEÇA OS AVIÕES* (Amanda Costa e Fausto Borges, 2022)  
*PÁSSARO MEMÓRIA* (Leonardo Martinelli, 2023)  
*FLUXO - O FILME* (Juliana Rojas, 2024)

**Sessão Jovens Curadores 72**

*POSSA PODER* (Victor Di Marco e Márcio Picoli, 2022)

*MARINA NÃO VAI À PRAIA* (Cássio Pereira dos Santos, 2014)

*LAPSO* (Caroline Cavalcanti, 2023)

*SOBRE AMIZADE E BICICLETAS* (Julia Vidal, 2022)

**Sessão Infantil 77**

*GAROTO CÓSMICO* (Alê Abreu, 2024)

**EXPEDIENTE 79**

**EQUIPE DA MOSTRA 82**

APRESENTAÇÕES

**Assessoria Especial  
de Educação e Cultura  
em Direitos Humanos**

**MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS  
E DA CIDADANIA**

O Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, por meio da Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos, apresenta com grande alegria e entusiasmo a Mostra Cinema e Direitos Humanos, que chega neste ano a sua décima quarta edição.

A Mostra é uma política pública que une arte, educação e direitos humanos, por meio de exposições de filmes, debates e oficinas que acontecem nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. Mas não apenas. Ela extrapola os limites das salas de cinema, buscando promover uma nova forma de nos relacionarmos com o mundo à nossa volta, com base na educação como prática da cidadania, da justiça e da transformação social.

Não vivemos no mesmo país de 2006 – data de fundação da Mostra Cinema e Direitos Humanos. Novos desafios se impõem para o fortalecimento e o aprofundamento da nossa democracia, hoje atravessada pela aceleração dos efeitos extremos dos avanços tecnológicos e das mudanças climáticas. “Ver com dignidade” é, nesse contexto, um imperativo que se recoloca e ganha urgência renovada.

A dignidade é fonte de todos os direitos fundamentais. Por isso, cumpre garanti-la a todos os brasileiros e brasileiras, com respeito a suas identidades, territórios e vivências tão diversas. Trabalhamos para mover o país nessa direção – do bem-estar, do cuidado e da alegria –, que só será alcançada garantindo que os direitos humanos sigam como fundamento inegociável da nossa democracia.

A Mostra ajuda a formar uma consciência cidadã, de valores e práticas sociais que expressam a cultura dos direitos humanos, em todos os espaços da sociedade. Por meio da arte, ela nos provoca a abrir espaço para a reflexão e para o sonho coletivo.

E assim, “a alegria continua”.<sup>1</sup>

**Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos**  
**Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**

1 Referência ao trecho final do filme Curtas Jornadas Noite Adentro (2021), exibido na 14ª Mostra Cinema e Direitos Humanos.

**Universidade Federal Fluminense**

Temos a honra de apresentar o catálogo da **14ª Mostra Cinema e Direitos Humanos**, realizada em colaboração com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Com dimensão nacional e diversidade regional, esta mostra representa uma contribuição destacada da Universidade Federal Fluminense (UFF) reafirmando nosso compromisso como universidade pública de promover a defesa dos direitos humanos e a valorização da diversidade, prioridades da nossa missão institucional de construir uma sociedade mais justa e inclusiva por meio do conhecimento.

A 14ª edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos vem reforçar a retomada das políticas de direitos humanos no Brasil, a partir do ver e do fazer cinema. Essa experiência estética possibilita não só o aprofundamento do debate sobre as questões dos direitos humanos no Brasil, mas também inspira novos olhares sobre o outro e colabora com a criação de um espaço de pertencimento.

O tema da 14ª edição da MCDH: “Viver com dignidade é direito humano”, reforça a importância deste evento como um espaço de diálogo e reflexão sobre questões fundamentais que afetam nossa sociedade. Viver com dignidade pressupõe um conjunto de fatores que passam pelo direito à moradia, educação, saúde, cultura e lazer. Direitos estes, inalienáveis, que têm a universidade pública como uma parceira na sua defesa.

Produzida pelo Departamento de Cinema e Vídeo da UFF, a 14ª Mostra manteve algumas perspectivas da edição anterior, momento da retomada da produção pela universidade, e trouxe novidades, como a chamada pública para coletivos de curadores, apresentando programas que trazem obras de cineastas de todas as regiões do Brasil. Essa diversidade reflete não apenas a riqueza do cinema brasileiro, mas também sua capacidade de abordar questões de justiça, inclusão e o direito de viver com dignidade.

Ao apresentar este catálogo, convidamos todos, todas e todes a conhecer as obras apresentadas e a se engajarem no debate crítico e necessário sobre os direitos humanos, ação fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, diversa e igualitária.

**Antonio Claudio Lucas da Nóbrega**  
**Reitor da Universidade Federal Fluminense**

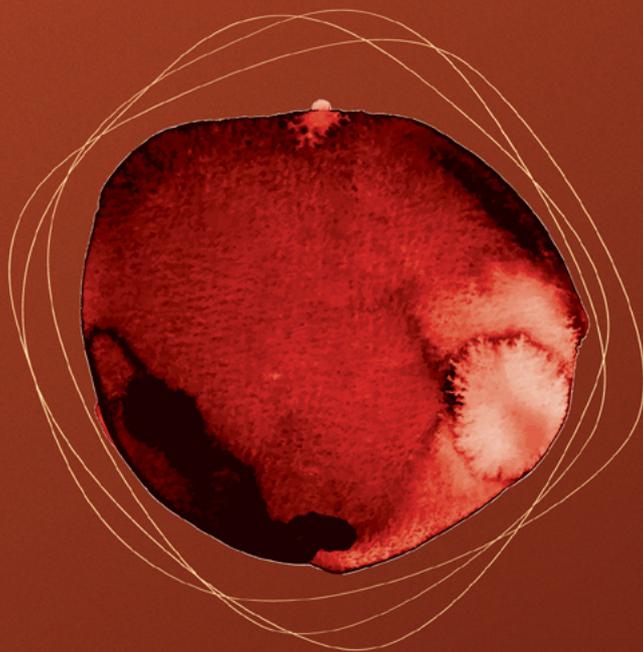
O Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense tem o prazer de mais uma vez realizar a produção da 14a. Mostra Cinema e Direitos Humanos. A realização de uma Mostra de Cinema nacional em si já representa um grande desafio, mas criar uma rede de universidades e institutos federais para atuar na produção da Mostra em 26 estados e no DF evidencia a potência e a capacidade de articulação da universidade pública brasileira.

O envolvimento do Departamento de Cinema e Vídeo na Mostra de Cinema e Direitos Humanos iniciou nas 8ª e 9ª edição da Mostra e a participação das instituições de ensino teve início no projeto de cinema, educação e direitos humanos, Inventar com a Diferença, em 2015. Após um período de interrupção, o Departamento de Cinema e Vídeo retomou a produção da 13a. edição da Mostra em 2023 e agora segue com a produção da 14a. edição.

O Departamento de Cinema e Vídeo da UFF acredita na dimensão simbólica e cidadã do cinema. Pensar e organizar uma mostra nacional significa criar oportunidades para discentes, docentes e técnicos terem uma experiência única em atividades criativas, intelectuais e práticas de produção. A comunidade universitária atua desde a pré-produção, passando pela curadoria, negociação com fornecedores e desenvolvendo estratégias de difusão, comunicação e divulgação.

Além de potencializar uma experiência profissional concreta na área de produção de eventos e curadoria, a realização da Mostra traz para o cotidiano da comunidade universitária o importante diálogo entre cinema, educação e direitos humanos.

**Departamento de Cinema e Vídeo**  
**Instituto de Artes e Comunicação Social**



A MOSTRA

# A MOSTRA CINEMA E DIREITOS HUMANOS

INDIA MARA MARTINS<sup>1</sup>

A promoção do debate sobre os direitos humanos a partir do diálogo entre o cinema e a educação é um dos principais objetivos da Mostra Cinema e Direitos Humanos, que em 2024 está em sua 14<sup>a</sup> edição. O evento nacional é uma realização da Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), com produção do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF). A Mostra tem como sua principal característica a capilaridade, concretizada com a sua realização em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal. Neste contexto, a produção geral é centralizada na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (RJ) e conta com a participação de produtores locais em todos os estados. O estreito vínculo com a educação, partindo da própria secretaria responsável pelo evento, foi potencializado pela estratégia de produção adotada pela UFF.

Desde a 13<sup>a</sup> edição, também realizada pelo Departamento de Cinema e Vídeo da UFF em 2023, criamos uma rede de universidades e institutos federais para atuar na produção da Mostra. Em algumas cidades adotamos o sistema integrado, convidando produtores culturais, selecionados por sua experiência em produção de Mostras de Cinema e outros eventos culturais, a trabalharem em conjunto com professores, alunos e técnicos. Foram selecionados 27 produtores, que receberam formação presencial e acompanhamento online para a realização da 14<sup>a</sup> Mostra Cinema e Direitos Humanos. As atividades da Mostra também têm um perfil de formação, com a seleção de estudantes de graduação e pós-graduação, para comporem a equipe de apoio na produção local, assim como nas oficinas de Cinema-Educação.

O envolvimento do Departamento de Cinema e Vídeo na Mostra de Cinema e Direitos Humanos iniciou na produção da 8<sup>a</sup> e 9<sup>a</sup> edição da Mostra e a participação das instituições de ensino teve início no projeto de cinema, educação e direitos humanos, Inventar com a Diferença, em 2015. A princípio, a participação

1. Professora do Departamento de Cinema e Vídeo e do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense - UFF.

das instituições de ensino tinha uma perspectiva estratégica, pois independente da alternância de poder no governo federal, esses espaços de ensino poderiam dar perenidade ao projeto. Hoje, ela é também uma maneira de estabelecer uma maior relação da universidade com a sociedade através da promoção dos direitos humanos.

A proposta da Mostra é atingir todos os públicos e gerar engajamento no debate sobre os direitos humanos em todas as suas dimensões, principalmente os idosos, as pessoas com deficiência, os grupos LGBTQIA+, crianças e adolescentes, população em situação de rua, pessoas migrantes, refugiadas e apátridas, grupos religiosos em toda sua diversidade. Para ampliar o acesso a este público diverso estamos fazendo um trabalho de engajamento dos produtores locais, discentes e, principalmente, criando condições materiais para que este público possa participar da Mostra em todo território nacional.

Importante destacar o projeto Inventar com a Diferença, que continua sendo a base metodológica para a realização das Oficinas, que acontecem em todo território nacional.

A aposta aqui é transformar a experiência de “fazer cinema” em uma maneira de acessar de forma sensível o conhecimento sobre os direitos humanos. Essa estratégia tem potencial para despertar novos olhares sobre os Direitos Humanos. A atividade das oficinas é contínua, depois da formação, os novos oficineiros são estimulados a realizar oficinas em outras regiões do seu estado, visando a construção de uma rede de multiplicadores, que poderão levar o conhecimento sobre direitos humanos através do cinema para um público cada vez mais amplo.

Para este ano, lançamos chamada pública para a inscrição dos filmes por realizadores de todo Brasil. A 14ª edição contou com um júri que fez a seleção dos curtas-metragens, que compõem duas sessões da Mostra. Os longas-metragens foram selecionados pela curadoria em função da homenagem e da Mostra Infantil. Outra novidade foi o edital Jovem Curador, que possibilitou a participação de curadores e coletivos que apresentaram um programa de filmes para uma sessão a ser exibida na Mostra. O critério para seleção do programa foi adesão aos temas da Mostra: prevenção e combate à tortura e ao genocídio, democracia e enfrentamento ao discurso de ódio e extremismo, direito à participação política, direitos humanos e segurança pública, diversidade religiosa, memória e verdade, promoção e defesa dos direitos de mulheres, pessoas idosas, pessoas com deficiência, população em situação de rua, povos indígenas, população LGBTQIA+, crianças e jovens, combate à homofobia, ao racismo e outras formas de discurso de ódio, proteção aos defensores de Direitos Humanos, saúde mental, cultura e educação em Direitos Humanos.

Outra orientação que guiou o trabalho da curadoria foi selecionar, além dos filmes no formato de longa-metragem, curtas, valorizando experimentações no campo da linguagem cinematográfica e ampliando a diversidade regional e o número de cineastas participando da Mostra.

Outra novidade nesta edição da Mostra é a parceria entre o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, a Universidade Federal Fluminense, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJ), o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e a Organização de Estados Iberoamericanos (OEI) em um projeto inédito que vai levar uma seleção de filmes da 14ª Mostra Cinema e Direitos Humanos para as unidades prisionais em todo território nacional.

O impacto social da realização de um evento como a Mostra de Cinema e Direitos Humanos pela universidade pública é imenso e vem confirmar a importância da educação na luta por uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

## CALENDÁRIO – UM ANO INTEIRO COM A MCDH

O ano de 2024 foi atípico para uma mostra ou festival de cinema como a Mostra Cinema e Direitos Humanos, pois está comportando duas edições do evento. Abrimos o ano com a edição excepcional da 13ª edição (que começou em dezembro de 2023 e concluiu em março de 2024), no segundo semestre, iniciamos a 14ª edição com as oficinas Cinema, Educação e Direitos Humanos, ao longo dos meses de agosto a novembro em todo o país, e agora encerramos o ano com a Mostra presencial em todos os estados no mês de novembro.

Para um evento que retoma o seu lugar no calendário nacional não poderia ser mais significativo. A Mostra se adapta às necessidades culturais e, principalmente, sociais do país, e, hoje, deixa de ser um evento pontual no calendário, e passa a estar presente ao longo de todo o ano, trazendo os direitos humanos não só de forma lúdica, mas também crítica e acessível a todos. Assim seguirá no próximo ano de 2025, e, esperamos, por muitas outras edições.

A capilaridade é uma marca da Mostra, e a seguir estão os locais em que as exibições acontecem de forma presencial. No site do evento é possível encontrar os locais das oficinas, e todas as parcerias que a Mostra construiu e vem construindo para tornar os direitos humanos um tópico mais do que acessível, um direito adquirido e usufruído por todos, pois viver com dignidade é um direito humano.

Para saber onde a Mostra acontece em sua cidade, consulte o site [mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br](http://mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br), ou acesse com seu celular através do QR-Code ao lado.



**Aracaju/São Cristóvão - SE | 26-29 NOV**

Museu da Gente Sergipana

**Belém - PA | 26-29 NOV**

Universidade Federal do Pará | UFPA

Sala de Projeção da Faculdade de Artes Visuais

**Belo Horizonte - MG | 26-29 NOV**

CRJ | Auditório Centro de Referência das Juventudes

Biblioteca Pública Estadual | Teatro José Aparecido

UFMG | Casa de Cinema – Faculdade de Educação FAE

**Boa Vista - RR | 19-22 NOV**

Instituto Federal de Roraima | IFRR

**Brasília - DF | 20-23 NOV**

Cine Brasília

**Cachoeira - BA | 18-22 NOV**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | UFRB

Auditório Leite & Alves

CAHL – Centro de Artes, Humanidades e Letras

**Campo Grande - MS | 26-29 NOV**

MIS | Museu da Imagem e do Som

**Cuiabá - MT | 25-29 NOV**

IFMT | Auditório do Campus Cuiabá

**Curitiba - PR | 26-29 NOV**

Cine Passeio

**Florianópolis - SC | 26-29 NOV**

Universidade Federal de Santa Catarina | UFSC

Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas

**Fortaleza - CE | 26-29 NOV**

Porto Iracema das Artes

**Goiânia - GO | 20-23 NOV**

Museu Nacional dos Povos Indígenas

Centro de Audiovisual

**Guarulhos - SP | 25-28 NOV**

Universidade Federal de São Paulo | Unifesp  
Teatro William Silva de Moraes  
Auditório Carlos Bello

**João Pessoa - PB | 25-28 NOV**

Universidade Federal da Paraíba | UFPB  
Cinema Aruanda –  
Centro de Comunicação, Turismo e Artes

**Macapá - AP | 18-22 NOV**

Cine Teatro Territorial

**Maceió- AL | 26-29 NOV**

Universidade Federal de Alagoas | UFAL  
Sala de Projeção da Escola Técnica de Artes

**Manaus - AM | 19-22 NOV**

Instituto Federal do Amazonas | IFAM  
Auditório Alberto Furtado

**Natal - RN | 27-30 NOV**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN  
Auditório 1 – LabCom e Museu Câmara Cascudo

**Niterói - RJ | 26-29 NOV**

Cine Arte UFF

**Palmas - TO | 25-28 NOV**

Cine SESC Tocantins

**Porto Alegre - RS | 19-22 NOV**

Cinemateca Paulo Amorim –  
Casa de Cultura Mario Quintana

**Porto Velho -RO | 26-29 NOV**

Ministério Público do Trabalho de Rondônia  
MPT-RO | Auditório

**Recife - PE | 26-29 NOV**

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE  
Cinema – Campus Recife

**Rio Branco - AC** | 18-21 NOV

Cine Teatro Recreio

**São Luís - MA** | 26-29 NOV

Cineteatro Aldo Leite | Palacete Gentil Braga

**Teresina - PI** | 21-24 NOV

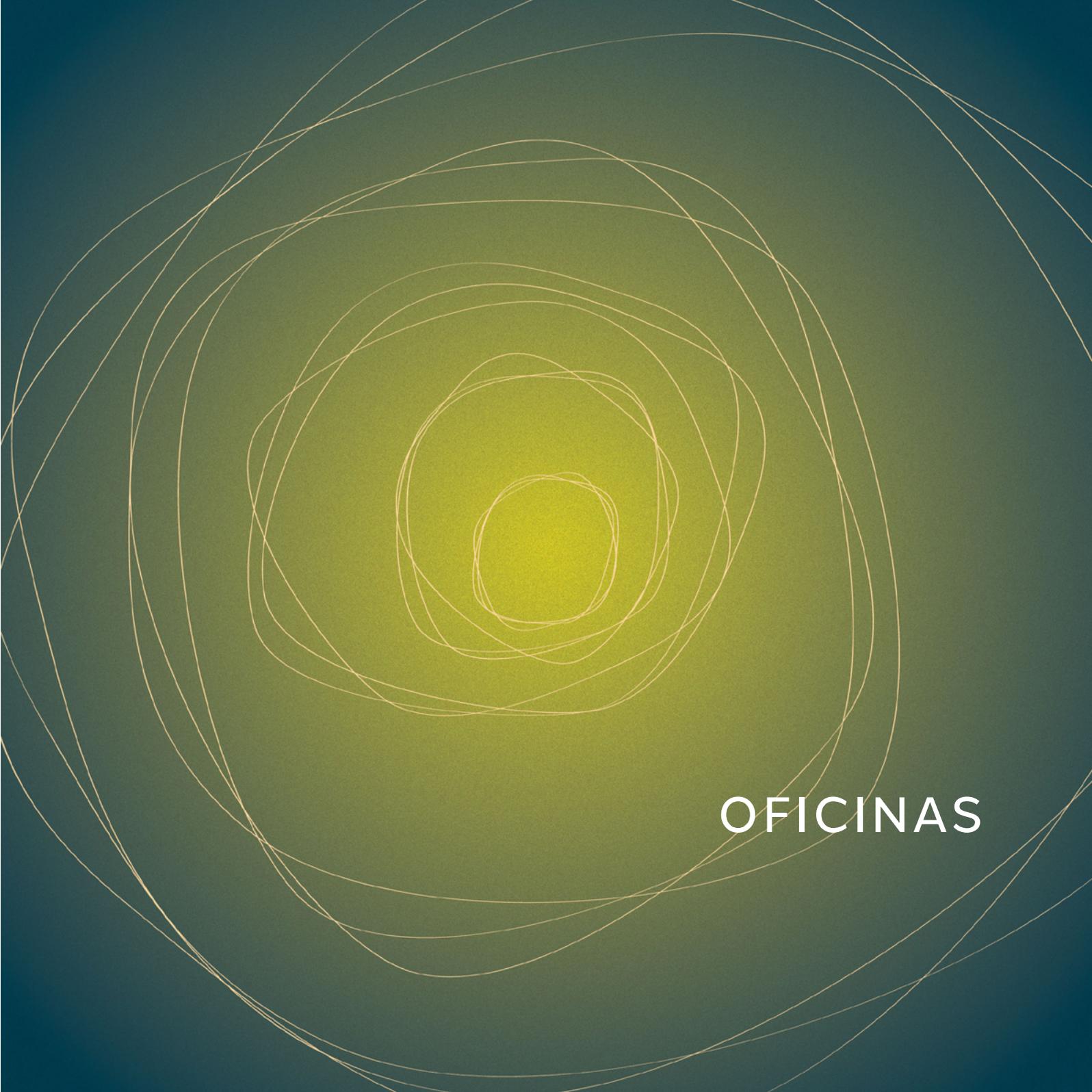
Teatro Torquato Neto | Complexo Cultural Club dos Diários

SESC Cajuína | Cine Teatro “Celso Barros Coelho”

**Vitória - ES** | 21-24 NOV

Universidade Federal do Espírito Santo | UFES

Cine Metrópolis

The image features a dark teal background with a central, glowing yellow-green circular area. This central area is surrounded by several overlapping, thin, light-colored lines that form concentric, irregular circles, creating a sense of depth and movement. The overall effect is reminiscent of a stylized sun or a light source viewed through a lens.

OFICINAS

# O CINEMA COMO EXPERIÊNCIA APROPRIÁVEL – MANEIRAS DE PARTILHA DE UMA PRÁTICA<sup>1</sup>

CEZAR MIGLIORIN<sup>2</sup>

DOUGLAS MORAIS RESENDE<sup>3</sup>

Há muitos anos temos discutido, pesquisado e pensado o cinema na escola e em espaços não profissionais.

Diria que, historicamente, nunca estivemos em um momento em que essa relação do cinema com a educação e com os direitos humanos foi tão importante, tão urgente e necessária.

Essa constatação pode ser feita a partir do que acontece com o país, a política, os processos subjetivos e o lugar que o próprio cinema assume.

Vejam esse caso:

Recentemente Cléber Eduardo, um dos curadores do Festival de Tiradentes e Ouro Preto, escreveu em um post na Internet o seguinte:

“Mais de 250 longas brasileiros inscritos em um festival sem competição.

Filmes são realizados, na maior parte, sem dinheiro público, na raça, no desejo, na reunião com conhecidos, sem nenhuma facilidade ou facilitação.

1. Uma versão reduzida deste texto foi apresentada em comunicação oral durante a Mostra de Cinema de Ouro Preto em junho de 2024.

2. Prof.do Depto. de Cinema e Audiovisual e do PPGCine/UFF, coordenador do Laboratório Kumã de Experimentação em Imagem e Som.

3. Prof.do Depto. de Cinema e Audiovisual e do PPGCine/UFF, co-cordenador do Laboratório Kumã.

No entanto, quando se assiste a estes filmes, se não a todos, mas pelo menos à maioria, há outro espanto, a maioria absoluta é de filmes com pouca ou nenhuma chance de exibição e circulação em salas comerciais ou em festivais...

Então, o fenômeno quantitativo, que em si pode parecer supimpa, passa a ser um fenômeno mais complexo (por que fazer filmes, como fazer filmes, para onde e para quem fazer filmes?)”.

Cléber Eduardo descreve um fenômeno onde se produz muito no desejo, na grupalidade, na raça. Ora, se há alguém que entende bem esse fenômeno, somos nós que trabalhamos e pesquisamos cinema em espaços não profissionais – escolas, oficinas, espaços de saúde mental, museus.

Os filmes, aos quais Cléber faz menção, fazem parte de movimentos de produção que, mais do que fazer filmes, produzem pelo menos três tecnologias: grupalidades, atmosferas de criação e presença.

Esses filmes fazem aquilo que tem sido nosso objetivo nos trabalhos com cinema, educação e direitos humanos. Nos nossos trabalhos, não fazemos propriamente oficinas, workshops **para os outros**, mas inventamos modos de estar juntos onde cada um, a cada dia, pode ter um papel diferente na manutenção de um **grupo aberto**, de uma sociabilidade criativa e heterogênea.

É a **grupalidade** heterogênea que possibilita a chegada de novos signos – um plano, um som editado, um pedaço da rua ou a escuta de um vizinho, uma textura, uma frase, um novo participante no grupo. É a grupalidade que inventamos que possibilita uma criação com o outro.

Gostamos de lembrar: quando estamos em grupo e **um novo participante chega**, jamais pedimos para ela se apresentar, dizer o que faz, de onde vem ou no que acredita. O nome basta. No início, mais que o nome impede a fluidez e a possibilidade de quem chega **ser qualquer um**, pelo menos ali. Mais que o nome impossibilita a pessoa de descansar um pouco de si mesma.

A **grupalidade** é uma reunião de diferentes que podem se diferenciar dos outros e de si mesmos.

**Se pensamos em cinema na escola, precisamos garantir a abertura da escola como um epicentro da heterogeneidade da comunidade. O cinema é uma ferramenta agregadora fortíssima.**

Falamos em atmosfera de criação. Um grupo que se faz em uma escola não é uma equipe, mas uma intensidade aberta em que se produz uma **atmosfera de criação apropriável**. O que é isso? A criação está no ar e pode ser respirada e **utilizada por qualquer um em qualquer lugar**.

Quando um grupo consegue instaurar entre si essa atmosfera, cada um no grupo, mesmo o que talvez tenha participado muito pouco, se apropria dessa criação para usá-la onde nem imaginamos – na relação com a família, o vizinho, na aula de história etc.

Não há uma linha reta entre o que se produz em um grupo de criação e o lugar em que essa criação vai ser usada.

**Grupalidade e atmosferas de criação** são formas de **presença**. Se precisarmos de filmes para conseguir isso, faremos filmes, no desejo e na raça, como diz o Cléber, que nos lembra ainda que a maioria desses filmes são **documentários**. Não é de se estranhar, **o documentário é o nome de um cinema** que se exerce na **curiosidade**, nos desejos de relação com histórias, sujeitos, memórias, instituições, imagens etc.

**Um documentário é um ato de criação com a realidade.**

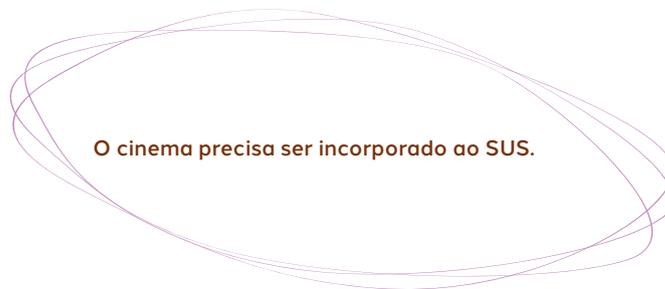
Vale lembrar: **cura, cuidado e curiosidade** têm a mesma origem latina. Todas essas palavras falam de um interesse por algo, falam de uma atenção pelo outro, do cuidado interessado – jamais interesseiro –, de um desejo de mundo.

O **documentarista** é aquele que abre a porta de casa, vai para a rua e escuta, observa, faz da vida do outro um pedaço da sua. Um curioso que não pode se mover sem cuidar.

**O cinema na escola se justifica porque é uma ferramenta poderosa de relação criativa e coletiva com o mundo que aí está. Nenhuma democracia pode ser pensada sem isso.**

Esses poucos 250 filmes mostram que o cinema **chega hoje onde não poderíamos imaginar**, onde não podíamos imaginar que ele seria exigido. Não falamos mais em fazer filmes ou ensinar cinema, mas falamos na potência do fazer e pensar **cinema como forma de sustentar espaços, processos e sujeitos** em que seja possível uma grupalidade, uma presença e uma criação com encontros efetivos, fora de bolhas, dialogados e com escuta. **Nada mais urgente para o país e para a democracia.**

Nos diálogos que temos tido com o Estado, diria assim: o cinema precisa ser pensado e fomentado pelo Estado, fundos setoriais, leis de incentivos etc. Mas, se não entendermos que ele é parte de um sistema de saúde inventado pelos sujeitos, professores, artistas, perderemos uma potência do cinema que já está aí.



Assim como inventamos **academias de ginástica** para resolver nosso sedentarismo urbano, estamos tendo que inventar academias de sociabilidade, criação e relação criativa com a realidade, espaços em que malhamos nossas comunidades para desenvolvermos uma musculatura sensível que nos permita ainda termos corpos para algum eventual encontro, para a própria democracia.

O cinema se tornou um caso de **saúde pública**, direito humano fundamental.

O cinema na escola, no Caps, nessas produções de longas-metragens descolados das demandas do mercado de festivais, **funciona como um antídoto** para uma das questões mais urgentes na contemporaneidade: a **obsolescência da presença**.

Celulares, inteligência artificial, home office, metaverso, violência urbana, precarização do espaço público, tudo aponta para um **desmoronamento dos espaços de troca**, tensão e escuta, com consequências sensíveis e políticas importantes. Ao mínimo movimento o que seria um encontro vira uma reunião online, uma ausência, uma greve, uma distância, uma surdez.

Não é o caso de **jogarmos nossos celulares pela janela**. Nossa questão é outra: as relações em que os corpos estão presentes e em que a **linguagem** se experimenta na relação com o outro, em que o outro aparece e nos demanda enquanto sujeitos relacionais e de escuta, **essas relações de presença estão fora de pauta**.

Enfatizamos: a presença **não é fazer parte, não é estar em um grupo de iguais**, mas habitar algo desconhecido que se dá no encontro.

A presença é **experimental** uma **equivocidade da linguagem**, ou seja, quando dizemos “x” talvez você entenda “x” e aí começa uma relação.

Em toda relação de **presença há um desequilíbrio de medidas**. Quem fala, cuida, trabalha ou ama mais em uma relação? Essas são perguntas destruidoras da presença. São perguntas que demandam uma medida clara e objetiva, ou seja, nenhuma relação com presença. Vivemos uma **doença da medida** – tudo pode ser avaliado, mensurado, medido, curtido, seguido com números e clareza. Enquanto as relações são sempre sem medidas claras, justamente porque a criação e a linguagem são excessivas a qualquer medida.

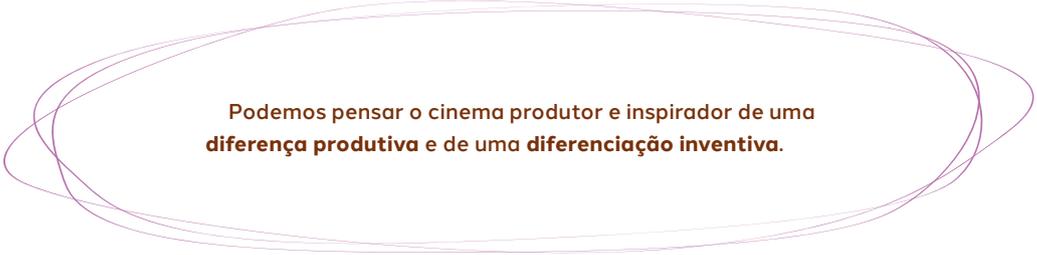
Na crise contemporânea de presença, se a distância entre sujeitos e grupos aparece, ela deve ser eliminada – ou falamos e pensamos da mesma forma, ou você será eliminado.

O que perdemos é o **valor da distância** em relação ao outro.

O encontro entre diferentes caiu em desuso. Acredita-se que para haver encontro deve haver **sobreposição de mundos**. Ou seja, **não deve haver um outro, mas um igual**.

À direita ou à esquerda, essa lógica tornou-se dominante.

A **lacrção** que se faz possível sem a presença não é apenas uma lógica das redes, mas uma forma de viver um lugar no mundo em que o outro ou faz par comigo ou deve ser eliminado.



**Podemos pensar o cinema produtor e inspirador de uma  
diferença produtiva e de uma diferenciação inventiva.**

A obsolescência da presença é também uma eliminação do outro, ali os **perfis se sobrepõem às pessoas**. Tornar-se um **perfil** obriga todo sujeito a explicitar com a maior rapidez possível o seu avatar – cor, gênero, idade, classe, posição ideológica.

Toda complexidade subjetiva que cerca qualquer vida ficará sufocada pela hiperpresença dos **signos avatarizáveis**.

**Os perfis navegam na eficácia solitária dos posicionamentos corretos.**

“Se eu não avatarizar o outro, como vou saber o que ele quer dizer? Como vou colocá-lo no “meu” sistema de julgamento? trata-se de acelerar as percepções, e não deixar chegar nada que possa ser ambíguo, lento, estranho.

**A avatarização é um grande operador da obsolescência da presença e um redutor da complexidade sensível do que é um sujeito. Isso tem nome: anestesia.**

Como sabemos, **anestesia e estética** têm a mesma origem: aisthesis, que vem do grego e pode significar experiência, sensibilidade. Quando não há sensibilidade, diz-se “an-aisthesis”. **A obsolescência da presença é um processo de anestesiamiento e de esvaziamento estético.**

Onde poderia haver presença, há avatares. Indivíduos reduzidos a traços generalizados.

Nas **esquivas contemporâneas à presença**, com suas áreas vips e seus dispositivos de ausência – games, fármacos, avatarizações e redes sociais – delira-se uma autonomia possível. É na crença dessa autonomia – separação entre um sujeito e o mundo – que se constrói bunkers em Marte para que alguns vips possam ir para lá quando a festa na Terra acabar. Bunkers para uma espécie de **after interplanetário**. O **delírio de autonomia** depende de um sujeito que consegue se separar dele mesmo, como se fosse possível estar no bunker ou na área vip, sem ser tocado pelo desarranjo da realidade, do suor, da pele, do fogo, da experiência sensível, do desejo.

Poderíamos ficar longamente **elencando as formas como a obsolescência da presença** constitui um traço fortíssimo hoje do que rege os processos subjetivos e a vida em comum. A obsolescência da presença **empobrece radicalmente** a linguagem, a escuta, as relações amorosas, os espaços de sociabilidade como escola e universidade, com **desdobramentos desastrosos para a política, para a saúde e para os direitos humanos.**

**Retomamos o início desse texto.** No cinema, na escola, em espaços clínicos, na universidade, em oficinas e nessa mostra de cinema, temos inventado tecnologias de presença, grupalidade, criação e

relação com a realidade que nos dão instrumentos, hoje, para que sujeitos e instituições respirem, criem, tenham uma saúde.

Tecnologias, como o cinema, que permitem trazer para a escola os fundamentos relacionais da democracia. Uma democracia em que o povo, ou seja, qualquer um, faça diferença na comunidade, mas, para isso, é preciso meios para criar com o outro e para inventar com o outro.

Se concordamos que cada vida é única, cada trajetória, radicalmente singular, um desafio se nos impõe: como criar espaços onde sujeitos quaisquer possam comparecer com essa inevitável singularidade?

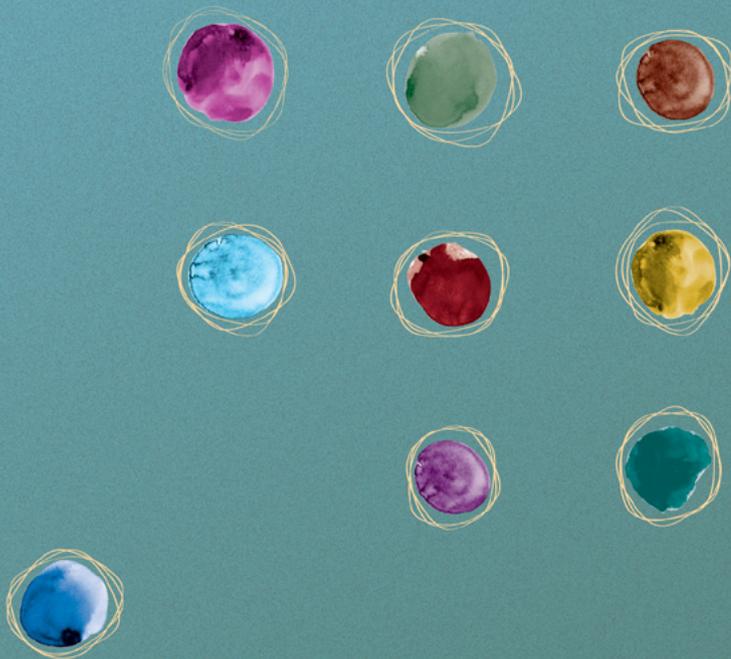
Não temos dúvida de que esses espaços precisam ser coletivos. Afinal, com-parecer é algo que só pode acontecer de maneira compartilhada, como a própria composição da palavra evidencia em si mesma – um aparecer diante do outro. Uma presença seria, portanto, sempre uma copresença. Criar espaços coletivos, plurais, nos quais indivíduos apareçam de modo singular e em criação, como são as vidas.

Desafio ético, estético e político. Mas também incerto, arriscado e difícil, em muitos sentidos. Ou seja, tudo isso nada distante da rotina de um educador, ainda mais daquele que atua no campo da arte-educação. Se concordamos que cada vida é única e deve ter garantido seu direito de existir, seria uma forma de morte a eliminação do que aparece como estranho, ambíguo, sem nome – daquilo que aparece assim tão singular que não poderia se enquadrar nos modos de viver dominantes, nos modelos e seus roteiros já previamente escritos.

As atividades no campo da educação que temos realizado em meio à Mostra de Cinema e Direitos Humanos há mais de uma década (ainda que de forma intermitente) têm sido realizadas como um convite a criar, junto com trabalhadores das artes e da educação, maneiras de lidar com esse desafio.

Há sempre nos encontros entre sujeitos quaisquer, entre qualquer um diante de um outro, algo que se passa antes da elaboração verbal, do significado, do explicável e das palavras de ordem. O exercício de uma atenção sensível – no caso do cinema, sobretudo dos sentidos do olhar e da escuta – a isso que nos chega antes dos enquadramentos já dados, pré-configurados alhures, fora do aqui-agora do encontro, o exercício de atenção sensível pode permitir um comparecimento, essa presença do sujeito diante de um grupo e, portanto, de si mesmo, marcada por aquilo que tem de singular.

Com esses desafios, a oficina Cinema, Educação e Direitos Humanos tem acontecido nos últimos dois anos, mas, poderíamos dizer, nos últimos dez anos, desde o início do projeto Inventar com a Diferença: cinema, educação e direitos humanos. Com metodologias em movimento, criadas nas parcerias com o Ministério dos Direitos Humanos e em relação com as pesquisas da UFF, temos atuado em cada um dos estados do país, produzindo espaços de criação com o cinema heterogêneos, singulares, cada um a seu modo, de acordo com as possibilidades e peculiaridades de cada região, e onde os participantes devem perceber a si mesmos e ao outro como corresponsáveis pelo seu funcionamento. Espaços que devem se fazer ambientes seguros para experimentação e criação de ferramentas práticas para serem apropriadas em diversos contextos sociais, não apenas na educação, mas também na saúde mental, no cinema e em outras áreas das artes, por agentes dos sistemas prisionais e socioeducativos, além de profissionais de várias outras áreas que por motivações as mais diversas carregam o interesse nas relações entre cinema, educação e direitos humanos.



A CURADORIA  
E OS FILMES DA MOSTRA

# A LEI DA CONVIVÊNCIA ENTRE OS DIFERENTES E A ESPERANÇA DE PAZ

LÚCIA RAMOS MONTEIRO<sup>1</sup>

“Eis aí o grande desafio resolutivo para que possamos chegar ao nível de sabedoria e bem viver por muitos ditos e sonhados. Para mim, um dos meios necessários para chegarmos a esse lugar é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências.”

Antônio Bispo dos Santos<sup>2</sup>

Falecido no ano passado, Antônio Bispo dos Santos nasceu no Vale do Rio Berlingas, no Piauí, e cresceu no Quilombo Saco-Curtume, no município de São João do Piauí. Mais conhecido como Nêgo Bispo, tornou-se liderança quilombola e autor de poemas e livros que ajudam a divulgar a visão de mundo aprendida com mestras e mestres de ofício. Desconfiado da maneira como nosso país adquiriu seu nome, imposição dos colonizadores pouco atentos a como as populações autóctones já chamavam seus territórios, Nêgo Bispo costumava chamar o Brasil de Pindorama. Falava, portanto, de povos “afropindorâmicos”, numa atitude coerente com o pensamento da contra-colonização, cuja prática se inicia na linguagem. No livro *Colonização, Quilombos: modos e significados*, de 2015, o filósofo dá pistas sobre seu pensamento. “A melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança”, escreve ele. “Ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica, esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia”, acrescenta.<sup>3</sup> Explica-se, assim, uma visão de mundo baseada no que ele chama de “biointeração” e que contraria

1. Professora na graduação do Depto. de Cinema e Vídeo e no Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense.

2. SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI, 2015. p. 90-91.

3. *Ibid.*, p. 85.

o desenvolvimentismo e os processos de expropriação, considerados por Nêgo Bispo como continuações da lógica colonial.

Escolhido para sintetizar o espírito da 14ª edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos, o lema “Viver com dignidade” ecoa a defesa, feita por Nêgo Bispo, do “bem viver” e do respeito aos diferentes elementos, humanos e não humanos, em interação, conforme o excerto reproduzido na epígrafe deste texto. À lei da convivência que respeita a diversidade e a singularidade de cada elemento, Nêgo Bispo dá o nome de “confluência”.<sup>4</sup> Não por acaso, o substantivo, flexionado no plural, serve de título ao curta-metragem que a realizadora brasileira Dácia Ibiapina dedica ao filósofo quilombola, que guarda as imagens de seu último aniversário, passado no quilombo.

Grande homenageada da 14ª MCDH, a cineasta paulista Cristina Amaral é dona de uma trajetória de quase quarenta anos na montagem de curtas e longas-metragens, em película, vídeo e suporte digital. Na entrevista que Cristina Amaral generosamente nos concedeu, publicada neste catálogo, é possível conhecer mais sobre sua trajetória e seu compromisso com os Direitos Humanos. Formada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), ela selou desde muito cedo uma aliança com o cinema independente e sempre reafirmou seu compromisso ético, trabalhando em filmes que defendem posições minoritárias, povos em situação de risco, populações vulneráveis. Figura ímpar na história do cinema brasileiro, Cristina Amaral é uma mulher negra que, nos últimos anos, vem tendo seu trabalho reconhecido por festivais e mostras em todo o país. Não por acaso, foi Cristina Amaral que montou *Confluências*, documentário de Dácia Ibiapina dedicado a Nêgo Bispo.

Com o intuito de traduzir a diversidade do país, foram reunidos 24 filmes, representantes de todas as regiões do Brasil. São títulos que, cada um a seu modo, levam à cena diversos aspectos do “Viver com dignidade” e da convivência respeitosa entre diferentes. A mostra conta com outros três curtas e três longas montados por Cristina Amaral. Além de *Confluências*, serão exibidos, na sessão de abertura, os curtas *Sem Asas* (2019), de Renata Martins, e *Belos carnavais* (2021), de Thiago B. Mendonça, além de *Abá* (1992), uma correalização de Raquel Gerber e Cristina Amaral. Ecoarão, ao longo da sessão, tradições, cosmovisões, enfrentamento cotidiano e cultura afropindorâmicas – da memória do samba ao som do carro do ovo passando por um bairro de periferia, da celebração do estar junto aos sonhos de ganhar asas e conquistar a paz. As demais sessões em homenagem a Cristina Amaral exibirão os longas *Curtas Jornadas Noite Adentro* (2021), de Thiago B. Mendonça, e *Cidade; campo* (2024), de

4 Ibid., p. 89.

Juliana Rojas, além da animação *Garoto Cósmico* (2007), de Alê Abreu. Como o título já indica, *Curtas Jornadas* combina duas forças contraditórias: a necessidade de passar o dia em trabalhos alienantes, que garantem o sustento, mas implicam em horas de labuta e transporte, e a vontade de avançar a madrugada com música e celebração. Cidade; campo, que rendeu à Rojas o prêmio de Melhor Direção na Mostra Encounters do Festival de Berlim, combina duas histórias de deslocamento e luto: em São Paulo, uma mulher que perdeu tudo na ruptura da barragem de Brumadinho, em Minas Gerais, reencontra a irmã e procura trabalho; no interior do Mato Grosso do Sul, duas mulheres da cidade tentam adaptar-se às rotinas de uma propriedade agrícola, recebida de herança. Conforme ensinam os personagens de *Curtas Jornadas* e de *Cidade; campo*, viver dignamente é também poder brindar, ao cair da noite, à alegria de existir neste mundo.

Neste ano, a Sessão Infantil exibirá *Garoto Cósmico*, animação de Alê Abreu montada por Cristina Amaral. Ambientada em um mundo futurista, o Alto Universo, no ano de 2973, a narrativa traz a saga de três amigos que têm a vida inteiramente programada, até que encontram, escondido no pequeno Circo Giramundos, o acesso para um universo infinito. Não deixa de ser uma metáfora para as possibilidades que as artes – em especial o cinema – representam para as crianças, uma ode ao respeito e à liberdade destinada ao público infantil.

As sessões em homenagem a Cristina Amaral reúnem filmes comprometidos com a defesa dos Direitos Humanos e trazem para o primeiro plano discussões como a vulnerabilidade de trabalhadores e trabalhadoras uberizados, a dignidade de pessoas LGBTQIA+ e o direito de que crianças e adolescentes possam crescer com liberdade, segurança e respeito.

## JOVENS CURADORES

Além das sessões em homenagem a Cristina Amaral, a 14ª MCDH traz pela primeira vez uma sessão inteiramente programada por um coletivo de jovens curadores. A proposta intenta descentralizar a curadoria e contribuir para a formação de estudantes de cinema e programadores em início de carreira. Em resposta a uma chamada pública, recebemos propostas de dezesseis unidades da federação, contendo curtas-metragens articulados em torno de uma questão comum. A seleção da proposta vencedora ficou a cargo da pesquisadora Naara Fontinele, que é diretora de arte do Beira – Festival de Cinema de Porto

Velho e doutora em Cinema e Audiovisual pela Universidade Sorbonne Nouvelle e em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

No texto “O que deseja um corpo com deficiência?”, presente neste catálogo, Lucas de Oliveira Mansur Saadallah explica a proposta vencedora, elaborada pelo coletivo Anomalia Filmes, do qual faz parte. “O olhar capacitista, tão arraigado na sociedade, insiste em reduzir as possibilidades de existência das pessoas com deficiência, limitando-as a estigmas e preconceitos”, escreve ele, antes de mencionar os nomes dos personagens dos quatro curtas exibidos na sessão, que “se recusam a serem definidos pelo olhar alheio”. Thiago, Cecília, Lucas, Bel e Marina são sim pessoas com deficiência, mas retratados em filmes que não se contentam e retratá-las como vítimas ou como heróis.

Finalmente, a 14ª MCDH retomou a chamada pública para curtas-metragens, tendo recebido inscrições de todo o país. No texto “Corpos e territórios na luta por dignidade”, o júri formado pelos professores e pesquisadores de cinema Breno Henrique, Lúcia Monteiro, Marcelo Ribeiro e Renata Masini Hein descreve o processo de seleção dos treze filmes escolhidos, uma expressão do vigor e da diversidade do cinema contemporâneo brasileiro, e trazem à tona o tom comum que se revelou: um rico panorama de corpos minoritários, ameaçados e em luta, em uma relação estreita com o território.

Esperamos que nesta edição a MCDH chegue a um público ainda mais amplo. Dessa maneira, fortalecemos e expandimos o alcance do cinema brasileiro comprometido com os direitos da pessoa idosa, da criança e do adolescente, da pessoa com deficiência, das pessoas LGBTQIA+, da população em situação de rua e de grupos sociais vulnerabilizados. Desejamos ainda que o público aproveite a Mostra da melhor maneira, participe de debates e oficinas e desfrute dos textos deste catálogo.

*Abá*, curta-metragem realizado em 1992 por Raquel Gerber e Cristina Amaral, programado para a sessão de abertura, significa “esperança de paz”. Que a beleza lírica do filme ajude a levar seu recado político até cada espectadora, cada espectador.

Boa Mostra!

# CORPOS E TERRITÓRIOS NA LUTA POR DIGNIDADE

BRENO HENRIQUE

LÚCIA MONTEIRO

MARCELO RIBEIRO

RENATA MASINI HEIN

“Abriu-se majestosa e circumspecta,  
sem emitir um som que fosse impuro  
nem um clarão maior que o tolerável  
pelas pupilas gastas na inspeção  
contínua e dolorosa do deserto,  
e pela mente exausta de mentar  
toda uma realidade que transcende  
a própria imagem sua debuxada  
no rosto do mistério, nos abismos.”

Carlos Drummond de Andrade,  
“A Máquina do mundo”

Neste ano, a Mostra Cinema e Direitos Humanos conseguiu reunir condições para retomar a chamada pública para a inscrição de filmes, e, assim, a 14ª edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos amplia seu escopo: foram recebidos filmes de 23 estados brasileiros e do Distrito Federal, distribuídos por todas as regiões. A partir desse conjunto amplo, um júri composto de quatro professores e pesquisadores de cinema, ligados ao Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCine-UFF), selecionou treze curtas-metragens, distribuídos em duas sessões.

Ao longo de dois meses, Renata Masini Hein, Breno Henrique, Lúcia Monteiro e Marcelo Ribeiro assistiram aos filmes recebidos e debateram em diversas reuniões o melhor arranjo entre eles. Mestranda em Cinema e Audiovisual na UFF, Hein pesquisa o Nuevo Cine Latinoamericano em uma perspectiva de

gênero e feminista, com ênfase no cinema da cineasta cubana Sara Gómez. Coordenador-geral da Preto e Outras Cores - Mostra de Cinema Negro LGBTQIAPN+, Breno Henrique é mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e prepara uma tese de doutorado em cinema na UFF. Já Marcelo Ribeiro é professor de História e Teorias do Cinema e do Audiovisual na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM-UFBA), onde atua também como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas e coordena o grupo (an) arqueologias do sensível (DGP-CNPq/UFBA), realizando desde agosto de 2024 estágio pós-doutoral na UFF. Coordenadora da curadoria da 14ª MCDH, Lúcia Monteiro é professora do Departamento de Cinema e do PPGCine-UFF.

O conjunto de filmes selecionados expressa o vigor do cinema brasileiro contemporâneo, com títulos de realizadores estreantes ou com produções anteriores, lançando-se na ficção, no documentário, na animação e no cinema experimental. Em comum, eles demonstram o compromisso de colocar em cena gestos de luta por dignidade, os quais agrupamos em dois eixos. Por um lado, a criação audiovisual se volta para encontrar formas de dar visibilidade a espaços em conflito ou sob ameaça, numa postura menos de denúncia do que de luta. Por outro, corpos minoritários encontram, no cinema, maneiras de existir com dignidade, não só no mundo do trabalho, mas também depois que a atividade produtiva cessa.

Produzidos no Ceará, em Minas Gerais, no Mato Grosso, em Rondônia, em Santa Catarina, na Paraíba e em São Paulo, os filmes reunidos para a sessão “Territórios e dignidade” demonstram uma ligação forte com os espaços naturais, perturbados por forças humanas e pelo avanço do capitalismo. *Maré braba* (2023), de Pâmela Peregrino, vale-se da técnica do *stop motion* para construir uma narrativa eminentemente visual sobre os efeitos do aquecimento global em uma comunidade à beira-mar. Em *Água Rasa* (2023), de Dani Drumond, a proposta é navegar pelo Rio Paraopeba junto a pescadores experientes que, apesar da contaminação causada pelo rompimento da barragem de Brumadinho, conseguem se conectar com o rio e a memória dos antepassados. *Mansos* (2024), de Juliana Segóvia, concentra-se nos impactos da construção de uma hidrelétrica na região de Água Fria, na Chapada dos Guimarães, e sobretudo na resistência de duas irmãs atingidas – o gesto de uma delas funciona como homenagem à líder indígena Tuíra Caiapó, que faleceu este ano. Em 1989, no primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, Tuíra encostou a lâmina de seu facão no rosto de José Antônio Muniz Lopes, então diretor da Eletronorte, em reação à fala do engenheiro, que privilegiava aspectos econômicos e desconsiderava a realidade das populações indígenas com a terra. Em *Somos Terra* (2020), de Elisabete Christofolletti e Nilson Santos, o cacique e pajé Cizino Karitiana fala da importância da terra, tanto como lugar de vida quanto como

espaço mítico. *Máquinas de lazer* (2024), de Italo Zaccaron, debruça-se sobre como motocicletas, automóveis e máquinas agrícolas dominam as atividades festivas em meio ao avanço do agronegócio. Por sua vez, *Pulmão de pedra* (2023), de Torquato Joel, retrata, com beleza melancólica, a dureza da vida de Joãozinho, que trabalha em uma mina. Finalmente, a animação *Marés da noite*, de Juliana Sada e Noemi Martinelle, traz o relato do sonho de uma mulher grávida que sobreviveu à enchente de São Sebastião, criado a partir de um processo de escuta e coleta de sonhos de um grupo de sete mulheres do município, afetadas pela tragédia.

Já a sessão *Depois do expediente* discute o respeito às diferenças no trabalho e depois dele, na cidade e no campo, entre comunidades tradicionais, povos originários ou gente da cidade e de suas periferias, com produções de Minas Gerais, Alagoas, Paraná, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao dar ênfase à luta pelo direito de existir e por uma vida digna, os filmes reunidos mobilizam diferentes estratégias para oporem-se às múltiplas violências de opressão e de exploração vividas por pessoas de diversos grupos sociais. No campo, destacam-se a luta das mulheres indígenas pela reivindicação de seus territórios e direitos ancestrais, em *Mborayhu Ñemoheñoi: a luta das mulheres Avá Guarani* (2022), de Carol Mira, e a denúncia, em *Sobre a cabeça os aviões* (2022), de Amanda Costa e Fausto Borges, dos cruéis impactos sociais e ambientais da pulverização aérea de agrotóxicos. Na cidade, as afetividades e os sonhos sobrevivem a um espaço hostil aos diferentes corpos e vivências: em *Pássaro Memória* (2023), de Leonardo Martinelli, busca-se a liberdade; em *Big Bang*, de Carlos Segundo, resiste-se a uma sociedade que exclui pessoas com deficiência; em *Habito* (2023), de Fernando Santos, evidenciam-se os medos e os desejos de ser cineasta; e em *Fluxo - o filme* (2023), de Filipe Barbosa, narra-se a experiência de jovens periféricos em bailes funks.

Juntos, os treze filmes trazem um rico panorama de corpos minoritários, ameaçados e em luta, em uma relação estreita com o território. O conjunto nos faz lembrar a poesia de Carlos Drummond de Andrade em seu vínculo com Itabira, em Minas Gerais. Na recente revisão do crítico José Miguel Wisnik, os poemas “itabiranos” de Drummond demonstram não apenas a nostalgia pela cidade natal há muito deixada, mas a percepção de como os corpos e os espaços com os quais o poeta conviveu eram afetados pela atividade da mineração, em seu aspecto corrosivo. “Noventa por cento de ferro nas calçadas./ Oitenta por cento de ferro nas almas”. Ou, como diria Joãozinho de “Pulmão de pedra”, cem por cento de pedra nos pulmões.

## O QUE DESEJA UM CORPO COM DEFICIÊNCIA?

LUCAS SAADALLAH<sup>1</sup>

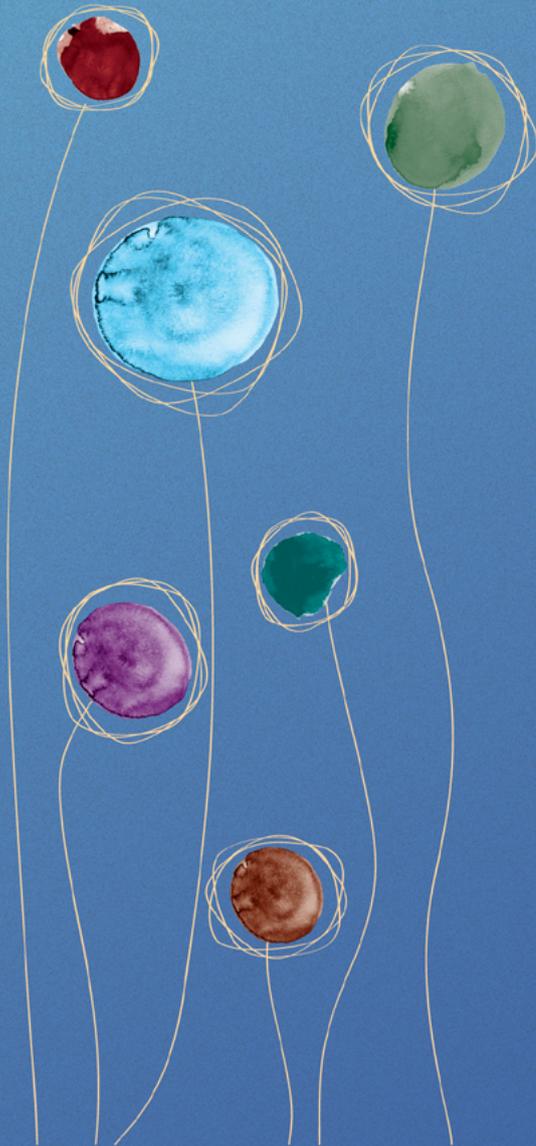
O olhar capacitista, tão arraigado na sociedade, insiste em reduzir as possibilidades de existência das pessoas com deficiência, limitando-as a estigmas e preconceitos. Mas sorte a nossa é poder contar com personagens como Thiago, Cecília, Lucas, Bel, Marina e tantos outros que continuam surgindo, que resistem a essas imposições e se recusam a serem definidos pelo olhar alheio. São figuras fortes, obstinadas e profundamente humanas, que encontram maneiras de subverter o julgamento social e reivindicar o direito de viver suas vidas plenamente.

Frequentemente, a representação das pessoas com deficiência se limita a estereótipos que as retratam como vítimas, pesos para suas famílias ou heróis por simplesmente viverem. Esta seleção de filmes para a Sessão Jovens Curadores busca romper com essas imagens reducionistas, trazendo histórias que apresentam corpos com deficiência em todas as suas possibilidades. São corpos que transitam pela rua, pelas periferias da cidade, pelas praias e espaços de lazer, pela rotina do trabalho e da criação e, apesar das barreiras, conquistam espaços. Afinal, o que pode um corpo com deficiência, senão tudo que ele deseja?

Revolta, união, resistência e revolução são palavras que ecoam nos gestos e nas histórias desses protagonistas. Pessoas com deficiência têm o direito de existir em sua totalidade, revelando-se em sua complexidade, sensibilidade, sonhos e humanidade. Elas não são exemplos de superação por apenas existirem, nem obstáculos para a narrativa de outros. Aqui, são protagonistas de suas próprias trajetórias, com seus trabalhos, amizades, amores, desejos e buscas.

A sessão convida o público a mergulhar nessas histórias e repensar a visão sobre pessoas com deficiência, promovendo um olhar mais humano, plural e inclusivo. Aqui, não há limites impostos pela sociedade que não possam ser superados pela potência das vidas que essas narrativas nos apresentam.

1 Representante da Anomalia Filmes.



HOMENAGEM



CRISTINA AMARAL

# “CADA FILME QUE FAÇO ME ENSINA ALGUMA COISA”

## — ENTREVISTA COM CRISTINA AMARAL

ELIANNE IVO BARROSO<sup>1</sup>

LUCIA RAMOS MONTEIRO<sup>2</sup>

(transcrição de Yasmim Fatme Osolins Daychoum)

A montadora paulista Cristina Amaral é a homenageada nesta 14a edição da Mostra Cinema e Direitos Humanos. Dona de uma trajetória de quase quarenta anos na montagem cinematográfica, com mais de vinte longas-metragens e outros tantos curtas, muitos deles premiados em festivais como Brasília, Tiradentes e Gramado, Cristina Amaral mantém, diante de cada novo filme que chega à sua ilha de edição, a mesma vontade de aprender com a qual chegou à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), na década de 1970. Foi em meio ao círculo universitário que montou o primeiro curta, *Nós de valor, nós de fato* (1985), de Denoy de Oliveira, fruto de uma oficina de cinema junto a detentas de um presídio da capital paulista. Comprometida com o cinema independente, Cristina Amaral estabeleceu parcerias longevas com grandes nomes do cinema brasileiro, como Carlos Reichenbach, com quem começou a conviver na montagem de *Alma Corsária* (1993), e Andrea Tonacci, companheiro de vida, de quem montou *Serras da desordem* (2006) e *Já visto, jamais visto* (2013). Hoje, trabalha com realizadores e realizadoras jovens, sempre em projetos interessados pela experimentação.

Nesta entrevista, realizada por videoconferência em 28 de outubro de 2024, Cristina Amaral fala sobre seu processo de aprendizado constante, da montagem na moviola à edição digital.

**LÚCIA MONTEIRO** É uma honra te ouvir. Gostaríamos de começar te pedindo para contar um pouco sobre sua trajetória na montagem.

1 Profa. Associada do Departamento de Cinema e Vídeo da UFF. Atua no PPGCine-UFF e PPGMC-UFRJ.

2 Profa. Associada do Departamento de Cinema e Vídeo da UFF e PPGCine-UFF.

**CRISTINA AMARAL** Na época em que entrei na ECA, minha primeira ligação era com fotografia. O que é legal em um curso de cinema é que ele te apresenta todas as áreas da realização cinematográfica. Quando bati na montagem, reverberou numa coisa que já sentia, foi um encontro mesmo. A montagem trabalha a estrutura do filme. Fiquei um tempo dividida entre fotografia e montagem, mas não dá para fazer bem as duas coisas e com tranquilidade optei pela montagem.

**ELIANNE IVO BARROSO** Há outra arte além do cinema que te ajuda a montar? A dança, a literatura, a música?

**CA** Sempre gostei de ler e de música. A música é um milagre. Consigo imaginar de onde começa um texto ou uma pintura, mas a música eu não consigo. Tenho uma reverência com relação à música. Costumo brincar que meu grande professor de montagem foi João Gilberto, pela maneira como ele trata letra e melodia. Você pode decorar o disco dele, mas se tentar cantar junto, você erra, porque ele nunca vai pelo esperado, ele sempre te dá uma volta. Acho muito lindo, é uma lição mesmo, a música me afeta muito na montagem.

**LM** Reparei que às vezes você sobrepõe imagens, como quando o Carapiru sonha, em *Serras da desordem* (Andrea Tonacci, 2006), ou quando surgem as imagens de Brumadinho em *Cidade; campo* (Juliana Rojas, 2024). Existe uma marca sua, como a batida de João Gilberto?

**CA** Não consigo enxergar um estilo meu. Cada filme para mim é uma página em branco. Já disse algumas vezes isso: tento não trazer nada do que fiz antes. É claro que a gente é a soma de tudo o que viu, do que leu, do que ouviu. Mas tento não buscar uma referência, não quero fazer igual. Não faria sentido. Com relação às sobreposições, às fusões... É uma necessidade da imagem naquele momento. Sou filha do corte seco. Aprendi montagem na moviola, no tempo em que para a gente fazer qualquer tipo de efeito tinha de ser uma coisa de vida ou morte, porque custava caro,<sup>3</sup> era complicado de fazer e não ficava muito bom. A gente só fazia se fosse imprescindível. Então isso não faz parte da minha formação. Mas a tecnologia digital possibilita. Para mim, é como o corte: uma exigência da imagem, mais do que um desejo meu. A fusão ocorre quando uma imagem sozinha não dá conta de passar o sentimento posto ali. Meu estilo é o que o filme pede, e cada filme é único. Se impuser meu estilo, começo a estragar os filmes, perco a essência deles. Sinceramente, tento o tempo inteiro me desprender de qualquer memória de trabalhos que fiz, e me concentrar no que estou fazendo no momento.

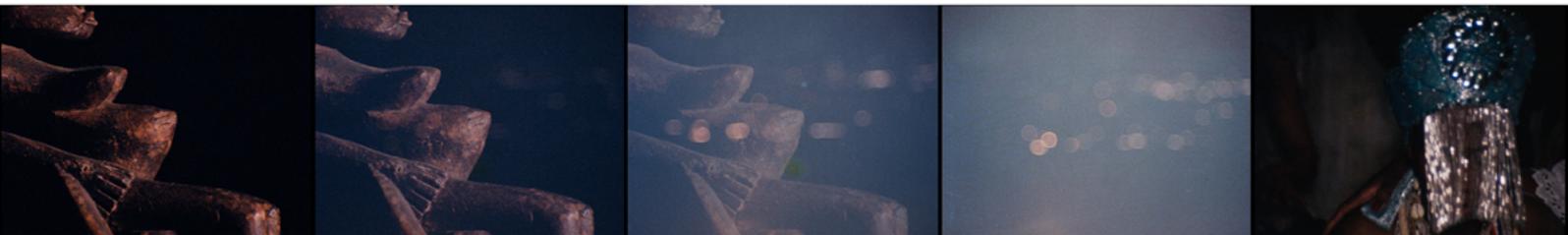
<sup>3</sup> No digital, os efeitos visuais são feitos pelos programas de edição sem custo adicional. No processo fotoquímico, eles eram indicados na sala de montagem pelos editores, mas executados como serviço dos laboratórios de cinema. Eles dependiam de trucagem, impressão e fixação em película.



*... cada filme para mim é uma página em branco ...*



*... é como o corte: uma exigência da imagem, mais do que um desejo meu ...*



*... a fusão ocorre quando uma imagem sozinha não dá conta de passar o sentimento posto ali .*



Sequência de *Abá* (1992).

**EIB** Costumo dizer que todo montador é generoso, porque precisa acolher o material bruto, ter carinho pelo trabalho, encontrar caminhos... Você tem algum hábito para iniciar o processo de montagem?

**CA** Gosto de ler roteiro. Se vou trabalhar com um diretor que não conheço, o roteiro é o primeiro contato com aquela cabeça, com aquele projeto. Mas, para mim, o roteiro serve até o filme estar alinhado na *timeline*. Depois, via de regra, esqueço do roteiro. Então eu assisto todo o material, gostaria até de poder assistir mais. Daí vou para o processo de pré-seleção do material, sempre pensando que é algo provisório. A gente não está lidando com uma coisa inanimada, mas sim com muita vida. E essa vida vai se apresentando durante o processo. É um erro querer determinar o ritmo do filme logo no começo. O tempo do filme se desenha no processo de montagem. A cada passada, você vai descamando o material e esse tempo se apresenta. Não é um tempo que a gente inventa, que a gente determina, sabe? Costumo dizer que: a montagem é um exercício de escuta e de olhar. A gente tem que estar atento para o material, ir ouvindo até chegar numa forma. Prefiro filmes que me transformam do que filmes que eu determino como vão ser. A gente se perde no meio do caminho, erra. É um processo de busca, de entendimento do que você está vendo na sua frente. Cada filme é único.

**EIB** Além dos novos diretores com os quais você trabalha, há alguns com os quais você continuou trabalhando.

**CA** Alguns diretores me formaram. Vi os filmes deles na escola e me apaixonei, me trouxeram um entendimento do que era fazer cinema e segui os trabalhos deles. Bastava saber que eles iam filmar e eu ia assistir. Jamais imaginei que eu fosse trabalhar com eles. Costumo brincar que a gente cria campos de atração, vai atrás de coisas em que acredita e cria uma aproximação. E acabou sendo assim, de uma forma orgânica, natural. Não pensei jamais que eu me aproximaria de algum deles. Nunca, nunca. Acho que ninguém deve se oferecer para montar um filme. Tem que ser uma escolha, um encontro. Quando me chamaram para montar com Carlos Reichenbach, foi um susto. Ele trabalhava com Éder Mazzini, que estava ocupado. Foi meu presente cinematográfico, porque me colocou num outro patamar profissional. Carlão [Reichenbach] me aproximou do Andrea [Tonacci]. E as coisas foram acontecendo através de afeto. O entendimento foi tão grande que eu continuei fazendo outros filmes dele. O Carlão era muito culto, uma das pessoas mais cultas que já passaram por esse país. Não sei como o trabalho rendia, pois a gente conversava muito. Ele me falava de livros. “Você nunca leu isso? Tem que ler”, dizia. E no dia seguinte chegava com o livro de presente. Filmes também. Eu tinha uma secretária eletrônica em casa, todo dia ouvia aquele vozeirão lá, “você tem que ver tal filme”. Ele foi me apresentando inclusive cinematografias

raras, expandiu meu universo cinematográfico. Fiquei muito amiga da Lígia também, que era a mulher dele, dos filhos.

Agradeço a opção que fiz por um cinema não comercial, por um outro jeito de fazer cinema, porque eu trilhei esses anos todos um caminho de afeto e de troca. Os realizadores me enriquecem muito. Cada filme que faço me ensina alguma coisa. Gosto de fazer filmes que me instigam a estudar, a entender mais alguma coisa do mundo. É mais do que profissão, é mais que isso, é a vida da gente. Acho inestimável. Você não perde a vontade, não perde o desejo. Adilson Marcelino, naquele site Mulheres do Cinema Brasileiro,<sup>4</sup> me deu uma chave. Ele diz que não construí uma carreira profissional. Construí parcerias. É isso mesmo. E gosto muito de estar desse jeito no cinema.

**LM** Quando eu te falei que seria homenageada na 14ª Mostra Cinema e Direitos Humanos, você me falou que nada é mais importante do que os Direitos Humanos. O tema deste ano é *Viver com dignidade*, um espírito que a gente encontra em muitos filmes que você já montou.

**CA** A questão dos direitos humanos é urgente. Nosso tempo está desenhando uma barbárie à frente, assustadoramente, no Brasil e no mundo. Passamos por seis anos de barbárie recentemente,<sup>5</sup> não precisávamos disso. O mundo vive um momento de muita ignorância, desconhecimento, preguiça mental. A gente precisa se voltar para o ser humano, para trazer certa dignidade e respeito. Porque o mundo está descartando humanos. Eu me sinto uma idiota agora, porque falava de boca cheia: “tem duas conquistas sem volta. Uma é a Declaração Universal dos Direitos Humanos e a outra é a Constituição de 1988”. Agora percebemos como é fácil fazer isso ruir... Durante a pandemia uma professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia me pediu para falar sobre *Ôri* (Raquel Gerber, 1989) em um curso on-line. Quando vi o nome do curso, “Habitar o fim do mundo e imaginar o infinito” [oferecido pela professora Gabriela Leandro Pereira], e o programa, quis assistir as aulas todas. Foi lindo, num momento muito duro, com um governo genocida à frente do país. Não tenho nenhuma característica depressiva, mas começou a me bater uma angústia. Eu olhava a minha família protegida, todo mundo em casa... E pensava nas pessoas que eram obrigadas a sair para trabalhar, em quem estava morrendo. Esse curso me ajudou muito. A professora trazia poetas, filósofos, filmes, livros, música, toda, toda aula começava

4 Ver <https://www.mulheresdocinemabrasileiro.com.br/site/home/autor>.

5 Faz referência aos dois anos da presidência de Michel Temer logo depois do golpe sofrido por Dilma Rousseff e aos quatro anos seguintes, de governo de Jair Bolsonaro.

com uma música e terminava com uma música. Pensei, “é isso, a gente não pode abrir mão de sonhar”. O sonho é um direito, talvez o primeiro dos Direitos Humanos. Não podemos abrir mão disso, porque só a partir daí se cria uma resistência contra a barbárie. Temos de criar esse contraponto, pois estão tentando abalar direitos conquistados durante quarenta, cinquenta anos... Para cada treva que aparecer, a gente tem que acender uma luz. A questão do meio ambiente é muito séria. Estamos vivendo um mundo suicida. Precisamos pensar no direito de viver com dignidade das próximas gerações. Vamos entregar um mundo pior para as crianças, temos obrigação de fazer alguma coisa. Por isso tenho que pensar: que filmes estou fazendo? Que imagens estou pondo na tela? O cinema é uma ferramenta poderosa.

**EIB** E o olhar da montagem é muito generoso.

**CA** Se tem uma coisa danosa no cinema é o tapete vermelho. Essa síndrome de celebridade, isso só faz mal. É a parte ruim. O mais legal é o processo do fazer. Todo reconhecimento é um afago no coração da gente. É bom, mas sem vaidades. Trato meus filmes com uma alegria... É como se eu não tivesse feito. Falo de boca cheia: “acho esse filme do caralho”. Eu que fiz, mas os filmes são sempre maiores. O mais bacana é não deixar a vaidade e a competição atravessarem o caminho, porque tiram o prazer que é fazer. Se a gente foca no processo, foca no prazer de fazer.



SESSÃO ABERTURA



**ABÁ** Documentário, 4 min, SP, 1992



realização Cristina Amaral , Raquel Gerber

roteiro Raquel Gerber

produção executiva Ignacio Gerber

fotografia Raquel Gerber,  
Hermano Penna, Pedro Farkas

som Lia Camargo

montagem Cristina Amaral

**SINOPSE** Um ato de devoção às energias cósmicas, conhecidas pelos africanos através da religião e da cosmogonia..

**SOBRE A DIRETORA** Raquel Gerber, cineasta, socióloga e historiadora, começou as filmagens de *ORÍ* em 1977 quando trabalhava com o fotógrafo e diretor Jorge Bodanzky na Stopsom em São Paulo criando um estúdio de som independente para produções documentais em 16mm. no Brasil.



## BELOS CARNAVAIS

Drama musical, 16 min, SP, 2020



direção e roteiro Thiago B. Mendonça

produção Renata Jardim

fotografia Lucas Barbi

montagem Cristina Amaral

elenco Dadinho Velha Guarda,

Maria Helena To.

**SINOPSE** Dadinho, um velho sambista, é levado por sua neta ao enterro de seu irmão, sambista de uma Escola de Samba rival. Neste percurso uma história de rivalidade, samba e traição emerge do passado.

**SOBRE O DIRETOR** Thiago B. Mendonça é diretor de cinema, roteirista e montador. Recebeu por seus filmes mais de uma centena de prêmios em festivais nacionais e internacionais.



## SEM ASAS

Drama, 20 min, SP, 2019



**direção e roteiro** Renata Martins  
**produção** Giovana Carolina Ferrari  
**fotografia** Mariane Nunes, Thais Nardi  
**produção** Renata Jardim  
**montagem** Cristina Amaral  
**direção de arte** Luana Castilho,  
Fernando Timba  
**som** Andressa Clain  
**distribuidora** Tabuleiro Filmes  
**elenco** Grace Passô, Kaik Pereira,  
Melvin Santhana.

**SINOPSE** Zu é um garoto negro de doze anos. Ele vai à mercearia comprar farinha de trigo para a sua mãe e, na volta pra casa, descobre que pode voar.

**SOBRE A DIRETORA** Renata Martins é formada em cinema e Pós-Graduada em Linguagens da Arte pela USP. É criadora da premiada web-série Empoderadas. Dirigiu e roteirizou os curtas-metragens e integrou a equipe de roteirista das séries ganhadoras do Emmy International Kids Awards.



## CONFLUÊNCIAS

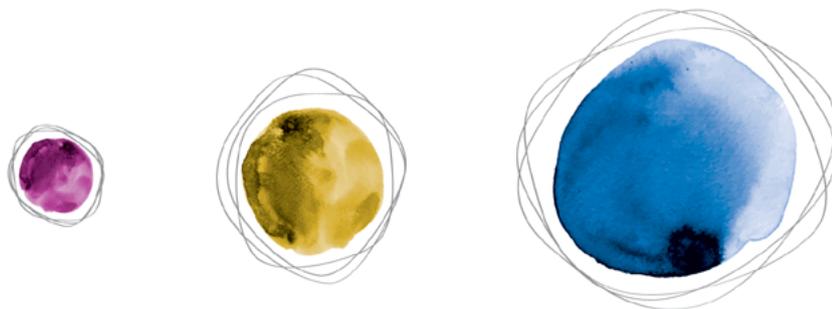
Documentário, 26 min, PI, 2024



**direção e roteiro** Dácia Ibiapina  
**co-direção e pesquisa** Antonio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo)  
**produção** Carneiro de Ouro, Dácia Ibiapina  
**fotografia** Ivan Viana  
**montagem** Cristina Amaral

**SINOPSE** *Confluências* é um filme com Nêgo Bispo, onde se compartilha os modos de festejar e outros modos de vida do quilombo Saco-Curtume situado na zona rural de São João do Piauí/PI/BR.

**SOBRE A DIRETORA** Dácia Ibiapina é piauiense e mora em Brasília desde 1992. Trabalhou como professora e pesquisadora na Universidade de Brasília, de 1992 a 2018. Produziu sete filmes de curta-metragem, um DocTV e três filmes de longa-metragem.



SESSÃO HOMENAGEM 1



## CIDADE; CAMPO

Ficção, drama, suspense, 120 min, Brasil, 2024

18

**direção e roteiro** Juliana Rojas

**produção** Dezenove Som e Imagens

**fotografia** Cris Lyra, DAFB,

Alice Andrade Drummond, DAFB

**produção** Renata Jardim

**montagem** Cristina Amaral

**direção de arte** Juliana Lobo, Daniela

Aldrovandi

**som** Gabriela Cunha, Tales Manfrinato

**distribuidora** Tabuleiro Filmes

**elenco** Fernanda Vianna, Mirella

Façanha, Bruna Linzmeyer, Andrea

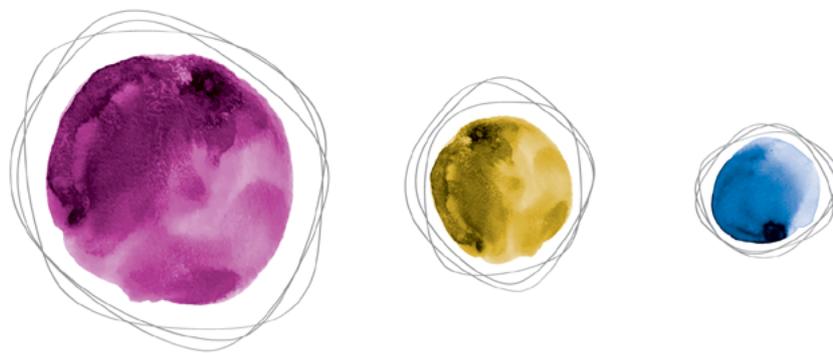
Marquee.

**distribuição** Vitrine Filmes (Sessão

Vitrine Petrobras)

**SINOPSE** O filme apresenta duas histórias sobre migração entre a cidade e o campo. A natureza obriga duas mulheres a enfrentar frustrações e lidar com memórias e fantasmas.

**SOBRE A DIRETORA** Diretora, roteirista e montadora de curtas e longas metragens e séries de ficção. Dentre seus trabalhos solo como roteirista e diretora de cinema, se destacam os premiados curtas *O Duplo*, *Pra eu dormir tranquilo*, *A Passagem do Cometa*, e o longa *Sinfonia da Necrópole*.



SESSÃO HOMENAGEM 2



## CURTAS JORNADAS NOITE ADENTRO

Drama, musical, 102 min, Brasil, 2021

16

direção Thiago B. Mendonça

roteiro Thiago B. Mendonça, Selito SD

produção Renata Jardim

fotografia Victor de Melo

produção Renata Jardim

montagem Cristina Amaral

direção de arte Bira Nogueira

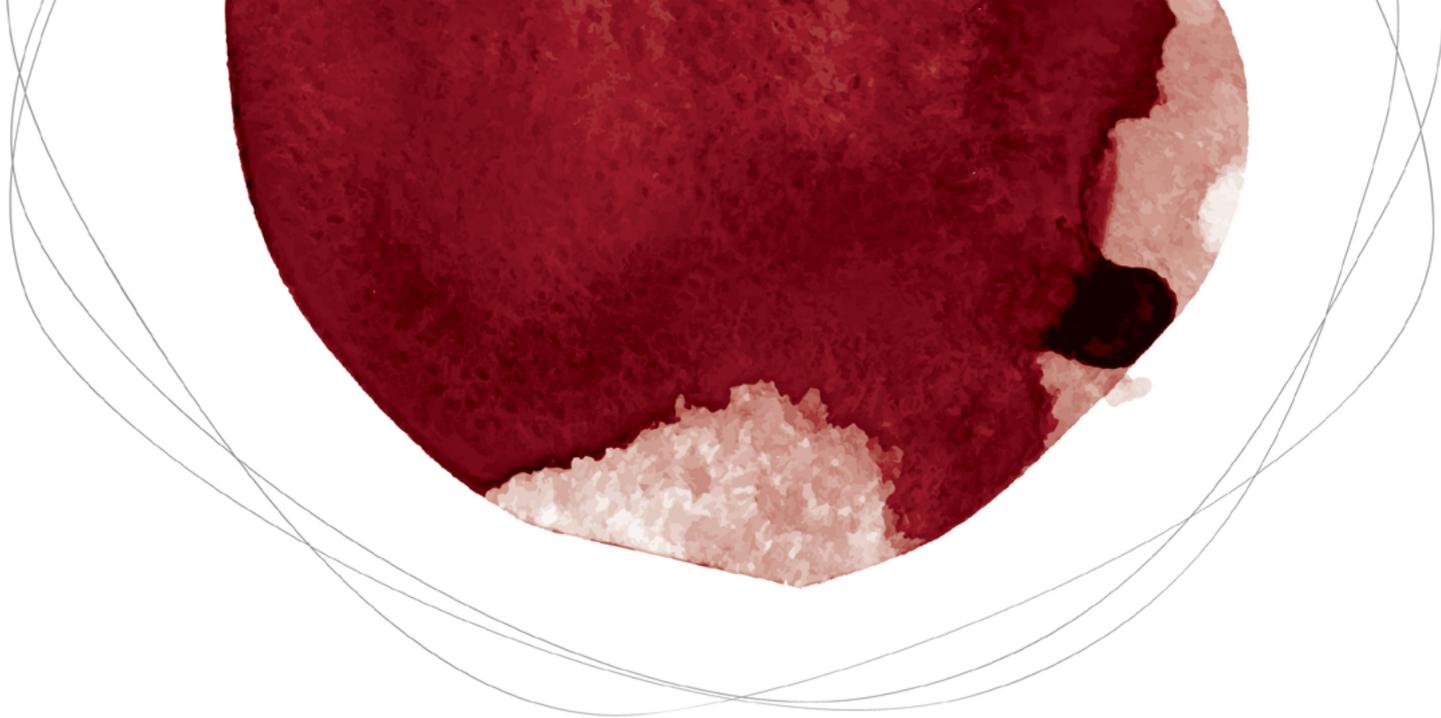
som Renan Vasconcelos

distribuidora Tabuleiro Filmes

elenco Monalisa Madalena, Lua Reis,  
Carlos Francisco, Ronalinho da Cuíca,  
Renato Martins, Nani de Oliveira,  
Tiganá Macedo, Marquinhos Dikuã, Val  
Pires.

**SINOPSE** Sambistas paulistanos sonham em ser descobertos na cena musical. Alternando dias entre um cotidiano alienante e madrugadas libertadoras, acabam por encarar inesperadas jornadas. Mas, enquanto houver samba, a alegria continua.

**SOBRE O DIRETOR** Thiago B. Mendonça é diretor de cinema, roteirista e montador. Recebeu por seus filmes mais de uma centena de prêmios em festivais nacionais e internacionais.



SESSÃO TERRITÓRIOS E DIGNIDADE



## MARÉ BRABA

animação, 8 min, BA, 2023



**direção e direção de arte**

Pâmela Peregrino

**roteiro** Carla Vieira, Elena Meirelles,

Lívia de Paiva, Romária Holanda,

Pâmela Peregrino

**produção** Lívia de Paiva, Nayana

Santos, Karleane Nogueira, Eudes Lira

**fotografia** Victor de Melo

**desenho de som e concepção de trilha**

**sonora original** Flávia Soledade

**distribuição** Borboletas Filmes

**SINOPSE** Ela, que conecta a todos pelas suas águas, observa e opera as mudanças decorrentes do aquecimento global. Ela sabe que os humanos estão se movendo para frear essas mudanças. Assim como ela sabe, que repetem uma antiga saga: alguns poucos prevalecendo sobre o grande restante, aprofundam os problemas criados por eles mesmos.

**SOBRE A DIRETORA** Pâmela Peregrino é animadora, cenógrafa e professora de Artes na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Realiza curtas de animação em processos educativos com comunidades negras e indígenas. Seus principais trabalhos incluem curtas como *Oríki'* e *Maré Braba*.



## ÁGUA RASA

Ficção documental, 20 min, MG, 2023



direção, roteiro, produção executiva e direção de arte Dani Drumond  
produção e som Bárbara Ferreira  
fotografia Victor de Melo  
produção, desenho de som e trilha sonora original João Carvalho  
elenco Márcio Vesoli (Água Rasa), Pedro Araújo, Ana Santana e Cosme Santana

**SINOPSE** Através da sabedoria de ‘Sr. Pedro’, Água Rasa descobre, em seu varejão de bambu, o poder de ouvir e se conectar com o rio, com a natureza ao redor e com espíritos ribeirinhos, navegando o rio Paraopeba, contaminado pela lama tóxica de rejeito de mineração devido ao rompimento da barragem da Vale em Brumadinho-MG.

**SOBRE A DIRETORA** Dani Drumond é diretor, roteirista, diretor de fotografia, montador e colorista. É fundador da Tipiti Filmes, com produções premiadas em festivais. Estudou Cinema Documental com os Ateliers Varan, é mestrando na linha de Pragmáticas da Imagem no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG).



## **MANSOS** Ficção, 20 min, PE, 2024 **12**

direção e roteiro Juliana Segóvia

produção Carolina Barros

fotografia Kelven Queiroz

som Augusto Krebs

direção de arte Manoel Vieira

elenco Sara Nawy, Camila Pinho,  
Elisana Bueno, Ana Flávia Damasceno,

Mariah França, Jucelina Ferreira,  
Jota Rodrigues

distribuição Tarrafa Produtora

**SINOPSE** Benedita é uma jovem que cresceu com uma marca em seu passado: o assassinato de sua mãe, Tereza. Benedita, agora liderança, fará valer a luta de sua mãe em uma busca incessante por vingança.

**SOBRE OS DIRETORES** Juliana Segóvia é cuiabana, cineasta, arte-educadora, graduada em comunicação e mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Atua há 10 anos no audiovisual. É uma das integrantes fundadoras e atuantes do Aquilombamento Audiovisual Quariterê.



## SOMOS TERRA

documentário, 8 min, RO, 2020

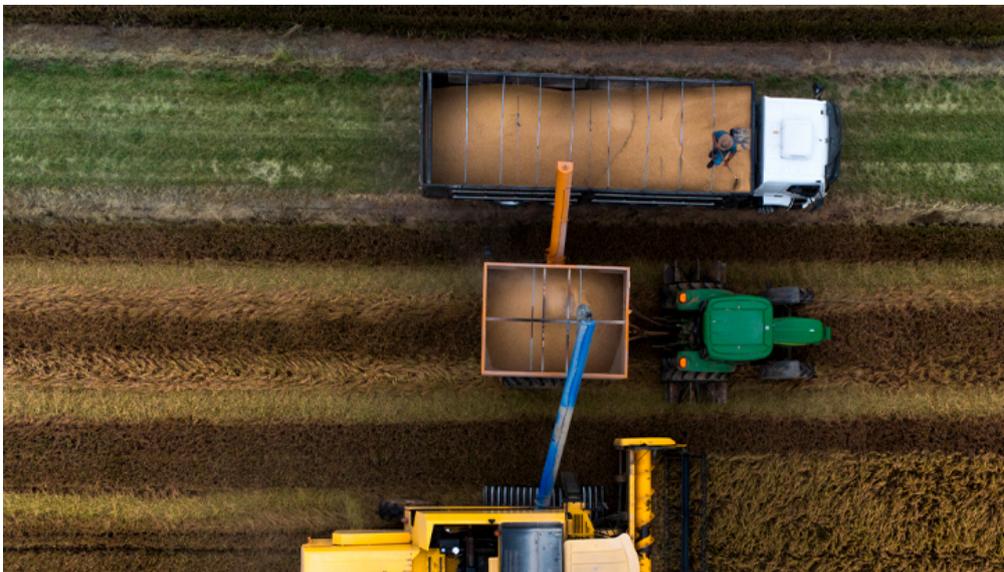


**direção e roteiro** Elisabete Christofoletti, Nilson Santos (Nilson Carolino) – Coletivo Madeirista  
**produção** ACME filme - Coletivo Madeirista

**SINOPSE** Vinda da aldeia karitiana automeada como “um fio do cabelo do neto de deus”, a narrativa do curta-metragem “Somos Terra” do cacique e pajé Cizino Karitiana fala da importância da terra no sentido literal, como lugar da terra mítica, e como lugar de vida e segurança.

**SOBRE A DIRETORA** Elisabete Christofoletti é psicóloga, e concilia o trabalho clínico com a fotografia por acreditar que na imagem expressamos o que internamente buscamos, seja desafio, conforto, memória de vida e dignidade. Em comunidades de seringueiros e indígenas registra a vida e a sabedoria da floresta.

**SOBRE O DIRETOR** Nilson Santos (Nilson Carolino), professor de Filosofia na universidade, no trabalho com escolas na Amazônia indígena e de seringueiros registra esses lugares, as pessoas, e a dinâmica da sabedoria da floresta, ouvindo, vendo e sentindo a vida e a morte, a preservação e a destruição.



## MÁQUINAS DE LAZER

documentário, 10 min, SC, 2023



pesquisa, roteiro, direção, produção,  
fotografia, montagem, trilha sonora e  
finalização Italo C Zaccaron

**SINOPSE** O documentário faz um breve estudo sobre o tempo livre e sua relação com o trabalho em uma sociedade capitalista.

**SOBRE O DIRETOR** Italo Coelho Zaccaron é natural do sul do estado de Santa Catarina e formado em Cinema pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Como realizador audiovisual atua principalmente com escrita de roteiro, direção e fotografia. Nos últimos 2 anos escreveu e dirigiu 4 curtas-metragens que circulam por festivais brasileiros e internacionais.



## PULMÃO DE PEDRA

animação, 8 min, BA, 2023



**direção** Torquato Joel

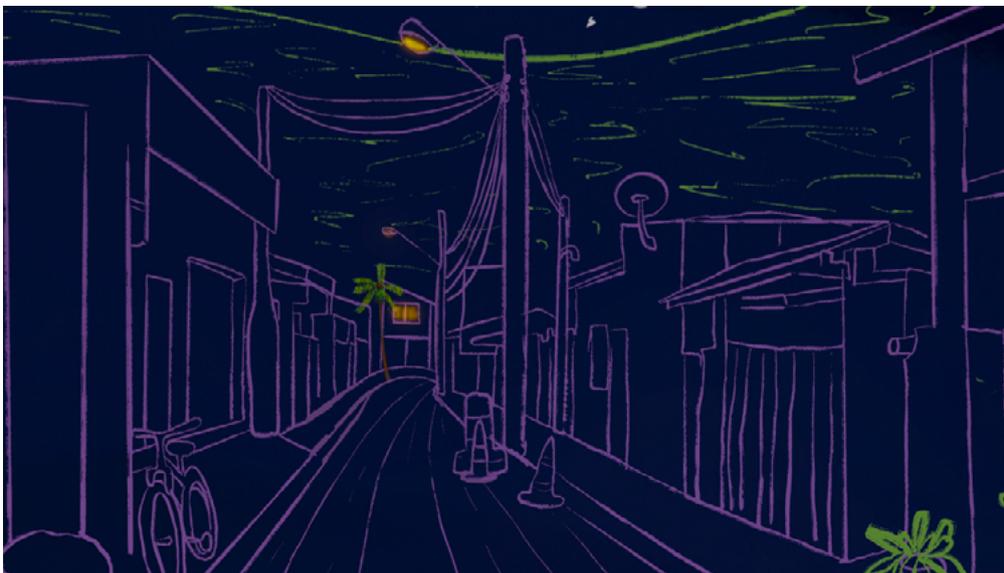
**produção** Nina Rosa, Metilde Alves, Rodolpho de Barros, Torquato Joel

**roteiro** Rodolpho de Barros, Torquato Joel

**fotografia** Rodolpho de Barros  
**som** Ester Rosendo

**SINOPSE** Na luta pela sobrevivência, Joãozinho trava uma luta insana contra pedras.

**SOBRE O DIRETOR** Torquato Joel possui atuação plural em cinema. Tem alguns de seus curtas premiados em festivais no Brasil e exterior, entre eles: *Passadouro* (1999), *Transubstancial* (2003), *Gravidade* (2006) e *Pulmão de Pedra* (2023). Finaliza seu segundo longa, *Corpo da Paz*.



## MARÉS DA NOITE

animação, 7 min, SP, 2024



direção Juliana Sada, Noemi Martinelle

roteiro Juliana Sada

animação Noemi Martinelle

**SINOPSE** Marés da Noite nos conduz por uma noite de sonhos de Juçara, uma jovem mulher grávida que viveu a tragédia de São Sebastião e lida com as feridas abertas, ao mesmo tempo em que carrega a esperança de uma nova vida dentro de si.

**SOBRE AS DIRETORAS** Noemi Martinelle é artista visual e designer, suas produções passam pela arte têxtil, audiovisual e performance. Juliana Sada é formada em jornalismo e tem na comunicação e na escrita seus caminhos de expressão.



SESSÃO DEPOIS DO EXPEDIENTE



## BIG BANG

Ficção, 15 min, RN, 2022



**direção e roteiro** Carlos Segundo

**produção** Cristiano Barbosa, Damien Megherbi e Justin Pechberty

**fotografia** Roberto Chacur

**direção de arte** Nara Sbreebow

**som** Nemer Castro

**elenco** Giovanni Venturini, Aryadne Amancio

**SINOPSE** Chico ganha sua vida consertando fornos, nos quais ele facilmente entra devido ao seu tamanho. Face a um sistema que lhe exclui, não lhe resta outra alternativa que não seja a de se colocar em resistência.

**SOBRE O DIRETOR** Carlos Segundo é diretor, fotógrafo, roteirista e montador. Realizou mais de 15 obras entre ficção e documentário que ao todo circularam em mais de 400 festivais nacionais e internacionais, ganhando mais de 150 prêmios.



## HABITO

Híbrido, 18 min, AL, 2023



**direção** Fernando Santos

**roteiro e produção** Rafael Barbosa,

Fernando Santos

**fotografia** Mayra Costa,

Fernando Santos

**direção de arte** Claudemir Santos

**desenho de som** Paulo Silver

**elenco** Fernando Ferreira dos Santos,

Maria Cicera Ferreira

**SINOPSE** Fernando confronta seus medos e dores para realizar o sonho de ser cineasta.

**SOBRE O DIRETOR** Nascido em Maceió e radicado em União dos Palmares, atua com cultura desde 2003 em União dos Palmares, é um artista negro (MC, VJ, beatmaker, etc.). Suas produções são focadas na memória do povo negro e suas manifestações culturais.



## MBORAYHU ÑEMOHEÑOI A LUTA DAS MULHERES AVÁ GUARANI

Documentário, 20 min, PR, 2022

12

direção Carol Mira

produção Trópico

roteiro Paulina Martines,  
Sabrina Demozzi, Carol Mira

fotografia Isa Lanave

som Letícia Tambucci

elenco Paulina Cunhã Takuá Rocay  
Ponhy Martines, Crescência Takua  
Yruku Benites, Gessica Tseremey Wa,  
Emy Rios, Vilma Vera Rios, Vicenta  
Takuavy Rope Martins, Organização  
das Mulheres Guarani Mborayhu  
Ñemoheñoi.

**SINOPSE** Em uma retomada de território ancestral no oeste do Paraná, Paulina Martines e as mulheres Avá Guarani lutam para defender seu território e garantir seus direitos. Unidas por uma determinação inabalável, elas semeiam o amor com o propósito de reflorestar não apenas a terra, mas também mentes e corações.

**SOBRE A DIRETORA** Carol Mira é cineasta e antropóloga, com quase 10 anos de experiência colaborando com o povo Avá Guarani e Guarani e Kaiowá. Seu trabalho é focado nas histórias de resistência e luta por direitos dessas comunidades. Sua estreia como diretora é o documentário *Mborayhu Ñemoheñoi: A luta das Mulheres Avá Guarani*.



## SOBRE A CABEÇA OS AVIÕES

Documentário, 19 min, GO, 2022

10

**direção** Amanda Costa, Fausto Borges

**produção** Amanda Costa

**roteiro, fotografia, som** Amanda  
Costa, Fausto Borges

**SINOPSE** Dez anos depois do crime que envenenou 92 pessoas em 2013, na Escola Municipal Rural São José do Pontal, em Rio Verde (GO), o curta-metragem revela os impactos da pulverização aérea de agrotóxicos na vida e no futuro de crianças em comunidades do campo em Goiás.

**SOBRE A DIRETORA** Amanda Costa: Jornalista formada pela Universidade Federal de Goiás, documentarista e fotógrafa. Atualmente é jornalista e fotojornalista da Defensoria Pública do Estado de Goiás.

**SOBRE O DIRETOR** Fausto Borges: Jornalista, especialista em cinema e analista de comunicação da Agência Brasil Central do Governo de Goiás. Fundador do Perro Loco - Festival de Cinema Universitário Latino-Americano, com seis edições. Dirigiu o programa Conexão Ambiental, na TV Brasil Central



## PÁSSARO MEMÓRIA

Drama, Musical, 15 min, RJ, 2023



**direção e roteiro** Leonardo Martinelli

**produção** Rafael Teixeira, Naomi Pacifique, Rafael Manuel, Leonardo Martinelli

**fotografia** Guilherme Tostes

**som** Felipe Eufrazio, Ju Marron

**direção de arte e figurino** Reinaldo Patricio

**elenco** Ayla Gabriela, Henrique Bulhões

**SINOPSE** Um pássaro, chamado Memória, esqueceu como voltar para casa. Lua, uma mulher trans, tenta encontrá-la nas ruas do Rio de Janeiro, mas a cidade pode ser um lugar hostil.

**SOBRE O DIRETOR** Leonardo Martinelli é um cineasta carioca. Seus curtas participaram de mais de 400 festivais e seu filme Fantasma Neon ganhou o Leopardo de Ouro de curta no Festival de Locarno. É mestre em Comunicação pela PUC-Rio e atualmente desenvolve seu primeiro longa-metragem, selecionado para a Locarno Residency.



## FLUXO - O FILME

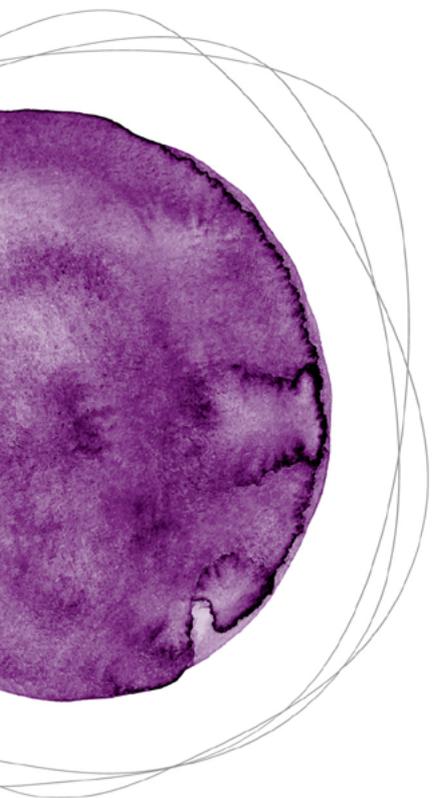
Drama, 14 min, SP, 2023

12

**direção e roteiro** Filipe Barbosa  
**produção** Ana Carolina Mello, Gabriel Santana  
**fotografia** Fernando Augusto  
**som** Diego Viana  
**direção de arte** Gabrielly Albrich  
**elenco** François Augusto, Andrio Candido, Rodrigo Valentim, Ester Tenório, Julia Caldas, Gustavo Marques, Gabryel Pereira, Samuel Silva, Ana Luiza, Elielson Lopes, Marcos Rogério, Álvaro Siqueira  
**distribuição** Caísa S. Reis

**SINOPSE** No meio de uma crise identitária, Fábio de 22 anos, jovem negro da Cidade Tiradentes, se reconecta com seu passado através de um baile funk com amigos. O filme investiga as experiências dos jovens que vivem no extremo leste da cidade de São Paulo, considerada um dos principais pilares do funk na cidade.

**SOBRE O DIRETOR** Filipe Barbosa é morador da Cidade Tiradentes e tem experiência em artes e cinema. Iniciou suas atividades no Cine Social Club, coletivo da Zona Leste de São Paulo e hoje faz sua estreia como diretor no curta *Fluxo*.



SESSÃO JOVENS CURADORES



## POSSA PODER

Ficção, 19 min, RS, 2022

10

**direção e roteiro** Victor Di Marco e Márcio Picoli

**produção** Proa & Popa Produções e Balde de Tinta Filmes

**fotografia** Bruno Polidoro

**som** Cleverton Borges

**direção de arte** Aline Gutierrez

**elenco** Jéssica Teixeira, Valéria Barcellos, Victor Di Marco

**SINOPSE** Em uma conversa coloquial sobre memória e lugar, três amigos lembram o que é ser quem realmente são - *queer* e PcD, e reafirmam sua convicção de permanecerem fieis a si mesmos.

**SOBRE OS DIRETORES** Victor Di Marco e Márcio Picoli são diretores e roteiristas. Juntos lançaram os curtas *O que Pode um Corpo?* (2020), *Possa Poder* (2022), *Rasgão* (2023) e *ZAGÊRO* (2024) e foram indicados ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. Atualmente trabalham na pós-produção de seu primeiro longa-metragem, *Nós a Sós*, que foi selecionado para o BRLab e será distribuído pela Vitrine Filmes.



## MARINA NÃO VAI À PRAIA

Ficção, 17 min, MG, 2014



**roteiro e direção** Cássio Pereira dos Santos

**produção** Heverton Lima

**fotografia** Leonardo Feliciano

**som** Camila Machado,

Francisco Craesmeyer

**direção de arte** Denise Vieira

**elenco** Aline Videira, Amanda Andrade,

João Lucas Neto, Cláudia Assunção

**SINOPSE** Um grupo de adolescentes do interior de Minas Gerais prepara uma excursão para uma cidade no litoral. Marina, uma garota de 15 anos, com Síndrome de Down, sonha em conhecer a praia. Impedida de viajar com sua irmã, Marina busca outros caminhos para conhecer o mar.

**SOBRE O DIRETOR** Cássio Pereira dos Santos (1980-2022), nascido em Patos de Minas (MG), foi diretor e roteirista de filmes premiados, como *Marina não vai à praia*, *Valentina*, *A Menina Espantinho* e foi co-roteirista de *Guigo Offline*, em mais de 70 festivais internacionais.



## LAPSO

Ficção, 20 min, MG, 2023

10

**direção e roteiro** Caroline Cavalcanti

**produção** Marina Soares

**fotografia** Caroline Cavalcanti,  
Gustavo Braga, Raquel Junqueira  
**som** Ramon Modenesi

**direção de arte** Penélope Victoria

**elenco** Beatriz Oliveira, Juan Queiroz |  
Dora Rosa, Thayanne Lima

**SINOPSE** Após praticarem atos de vandalismo, Bel e Juliano, adolescentes da periferia de Belo Horizonte, cumprem medidas socioeducativas onde se conhecem passando a compartilhar afetos e incerteza diante da dureza dos dias, da repressão e do esquecimento do sistema.

**SOBRE A DIRETORA** Atua em roteiro, direção e preparação de elenco. É PcD auditiva há 6 anos e tem experienciado novas relações com o som. No momento, está em fase de produção do curta “A última sílaba tônica”.



## **SOBRE AMIZADE E BICICLETAS**

Ficção, 12 min, PR, 2022



roteiro e direção Julia Vidal

produção Fran Camilo

fotografia Elisa Ratts

som Túlio Borges

direção de arte Lara Maria

elenco Bernardo Maestrelli, Natalia Flora de Souza Rosa, Rafaelle Camille da Rocha, Murilo Izidoro Schechtel, Gustavo Rodrigues Amaral, Eduardo de Oliveira Sprada, Jhovanna Sofia de Oliveira Sprada, Paula Butturre

realização e distribuição

Basilico Filmes

**SINOPSE** Thiago sempre sonhou em participar da corrida de bicicletas, mas isso parecia um sonho impossível devido à sua condição física. Tudo muda quando ele conhece Cecília, uma corajosa menina com deficiência visual que não conhece limites. Juntos, eles vão aprender a andar de bicicleta e o significado da amizade.

**SOBRE O DIRETOR** Julia Vidal é criadora e roteirista de “Manual de Sobrevivência da Literatura Brasileira” e roteirista das duas temporadas de “A Caverna de Petra”. É roteirista e diretora do curta “Sobre Amizade e Bicicletas”, finalista do 22º Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, e do curta “Quarto Vazio”, vencedor do prêmio AVEC-PR no 13º Olhar de Cinema. .



SESSÃO INFANTIL



## GAROTO CÓSMICO

Animação, 76 min, Brasil, 2007



**direção e direção de arte** Alê Abreu  
**roteiro** Alê Abreu, Sabina Anzuategui,  
Daniel Chaia, Gustavo Kurlat  
**montagem** Cristina Amaral  
**elenco** Aleph Naldi , Bianca Rayen,  
Mateus Duarte, Raul Cortez.

**SINOPSE** Cósmico, Luna e Maninho vivem em um mundo futurista onde suas vidas são totalmente programadas. Uma noite, os três se perdem em um universo de um pequeno circo. Depois de brincar e de toda a nova experiência, seus mundos enviam uma missão especial para resgatá-los.

**SOBRE O DIRETOR** Nasceu em São Paulo em 06 de março de 1971. Em 2014, seu longa “O menino e o Mundo” recebeu o Crystal Awards – prêmio máximo no mais importante festival de animação do mundo, o Festival de Annecy, na França, e em 2016, concorreu ao Oscar de melhor longa-metragem de animação.

EXPEDIENTE

# MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA

Ministra de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania

**MACAÉ MARIA EVARISTO DOS SANTOS**

Secretária Executiva do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

**JANINE MELLO DOS SANTOS**

Chefe da Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos

**LETÍCIA MARIA COSTA DA NÓBREGA CESARINO**

Coordenadora-Geral de Educação em Direitos Humanos e Mídias Digitais

**LÍGIA DE MORAIS OLIVEIRA**

Coordenação de Educação em Direitos Humanos e Mídias Digitais

**HASLA DE PAULA PACHECO**

Coordenador-Geral de Educação Cidadã da Rede Formal e Popular

**JOÃO LUIZ MOURA DE SÁ**

Coordenadora de Educação Cidadã da Rede Formal e Popular

**THAIS MARIA DE MACHADO LEMOS RIBEIRO**

Equipe Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos

**ADRIANA ALMEIDA DE ARAÚJO**

**CIBELE HENRIQUES DE CASTRO**

**EMILY MOURA DOS SANTOS**

**EUDO RIBEIRO DOS SANTOS**

**ISABELA OLIVEIRA KALIL**

**JESSICA BRITO DO NASCIMENTO**

JANICE DE ALMEIDA MATTEUCCI  
JOSELIA PAULINO BORGES  
JUCILENE DA SILVA PASSOS  
MÁRCIA ROCHA DE AGUIAR  
NATÁLIA DO CARMO LOUZADA  
PABLA CASSIÂNGELA SILVA MILHOMEM  
ROSE CLEIDE MENDES MONTEIRO  
VANNESSA ALVES CARNEIRO

# UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor da Universidade Federal Fluminense

**ANTONIO CLAUDIO DA NÓBREGA**

Diretora do Instituto de Artes e Comunicação Social

**FLÁVIA CLEMENTE DE SOUZA**

Chefe do Departamento de Cinema e Vídeo

**LIA BAHIA**

Gestora Administrativa e Financeira

**FUNDAÇÃO EUCLIDES DA CUNHA**

**ARACI - INCUBADORA AUDIOVISUAL UFF**

**KUMÃ - LABORATÓRIO DE PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO EM IMAGEM E SOM**

EQUIPE DA MOSTRA

# EQUIPE NACIONAL DA MOSTRA

coordenação geral

**INDIA MARA MARTINS**

coordenação nacional de produção

**RENATA PALHEIROS**

coordenação de exibição

**KERLON LAZZARI**

produção (discentes UFF)

**ANASYLVIA CARDOSO**

**EDUARDA BARBOSA**

**GABRIELA FLEURY**

**JOÃO VICTOR MAGRANI MARTINS**

**MARCELLE FARIAS GARCIA**

**MARIA EDUARDA NEGREIROS GONÇALVES**

**SOFIA WERLANG**

**VICTORIA DE CASTRO NUNES**

produção executiva

**FERNANDA TEODORO VIANA**

curadoria

**LÚCIA MONTEIRO**

júri

**BRENO HENRIQUE**

**MARCELO RODRIGUES SOUZA RIBEIRO**

**NAARA FONTINELE**

**RENATA MASINI HEIN**

coordenação pedagógica

**CEZAR MIGLIORIN**

coordenação de educação

**DOUGLAS RESENDE**

assistentes de coordenação de educação

**CINTYA FERREIRA MENDES**

**TERESA ASSIS BRASIL**

estagiária Kumã

**VITÓRIA SEVERO**

formação das oficinas

**ARTHUR MEDRADO**

coordenação de comunicação

**LUMA COELHO**

assessores de imprensa

**GABRIELA ANASTÁCIA**

**JÉFERSON CARDOSO**

equipe de comunicação

**OCA – OBSERVATÓRIO DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UFF**

logomarca oficial da Mostra

**FAJARDO RANINI DESIGN**

identidade visual da mostra, projeto gráfico e ilustrações

**LUIZ GARCIA | LUGAR ESTÚDIO**

designer gráfico assistente

**CRISTIANO SOUSA**

designer de mídias sociais

**RAFAELA LIMA**

revisão de textos

**EDYLENE SEVERIANO**

fotografia e vídeo

**ANA CAROLINA FIGUEIRA**

**JEFFERSON BASTOS**

site

**HELIO PEREIRA**

coordenação técnica audiovisual

**LEONARDO AYRES**

# PRODUÇÃO NAS CAPITAIS

## Aracaju/São Cristóvão - SE

Universidade Federal de Sergipe | UFS

produtoras locais

MARIA BEATRIZ COLLUCI

assistente

GUSTAVO RAYNER SILVA BORGES

coordenadora de comunicação

AYALLA ANJOS

monitora

SOPHIA ALCÂNTARA FREITAS

oficineiro

KLEVERTON ALMEIDA

## Belo Horizonte - MG

Universidade Federal de Minas Gerais | UFMG

produtores locais

ALEXANDRE PIMENTA MARQUES

BEATRIZ GOULART

assistentes

MARIANA LUISA DE OLIVEIRA FERREIRA

ANA LUISA ANJOS CONCEIÇÃO

monitora

VICTÓRIA MATIAS SANTOS

oficineira

LIANA LOBO

## Belém - PA

Universidade Federal do Pará | UFPA

produtor local

LUIZ ADRIANO DAMINELLO

assistente

IZABELA VIVIANE MATOS CHAVES

monitora

ANA CLARA NORTE SERRÃO

oficineiro

MATEUS MOURA

## Boa Vista - RR

Instituto Federal de Roraima | IFRR

produtora local

NEURACI SOARES

assistente

NATÁLIA SILVA RODRIGUES

monitor

RAMON OLIVEIRA DE QUEIROZ

oficineiro

VITOR RESENDE

### **Brasília - DF**

Universidade Federal de Brasília | IFB

produtores locais

LUIZA ROSSI CAMPOS

DIEGO DE PAULA CAMPOS CASTRO

assistente

PAULA MENDES MARQUES

monitora

MÔNICA ARAÚJO ALVES

oficineiro

PEDRO AUGUSTO BEILER DE SIQUEIRA GARCIA

### **Campo Grande - MS**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | UFMS

produtora local

VENISE PASCHOAL DE MELO

assistentes

NAYARA BONILHA DE ARAÚJO

VERÔNICA LINDQUIST

monitora

NAYARA SILVA CORREA

oficineira

DANIELA SIQUEIRA

### **Cachoeira - BA**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | UFRB

produtora local

ANA PAULA NUNES DE ABREU

assistente

DANTE GABRIEL LIMA DOS SANTOS

monitora

FERNANDA MARTINS ARAÚJO

oficineira

JOANA HORTA

### **Cuiabá - MT**

Universidade Federal de Mato Grosso | UFMG

produtor local

MOACIR FRANCISCO DE SANT'ANA BARROS

assistente

KARYNE CAMARGO MARQUES

monitor

CARLOS NASCIMENTO ANDREOTTI ALVES

oficineira

SABRINA TENÓRIO

**Curitiba - PR**

Universidade Federal do Paraná | UFPR

produtores locais

JIMMY FREE AQUINO LEÃO

SAMUEL CARVALHO LIMA SILVA

assistente

JAQUELINE BEVILACQUA ZAMARCHI

monitora

FABIANE DE CEZARO

oficineiro

VINICIUS FRANQUETO

**Fortaleza - CE**

Universidade Federal do Ceará | UFC

produtora local

SAMANTHA CLARET CAPDEVILLE

assistente

VÍTOR DESPA

monitora

LÍVIA SABOIA DOS SANTOS

oficineiros

TON ALMEIDA

SANDINO

**Florianópolis - SC**

Universidade Federal de Santa Catarina | UFSC

produtora local

CAROLINA MONTEIRO ALVES

assistente

MATHEUS ALVES DA SILVA

monitora

MARIA VICTÓRIA SAMPAIO

oficineiro

GABRIEL VARALLA

**Goiânia - GO**

Instituto Federal de Goiás | IFG

produtor local

JOÃO DANIEL FERREIRA DE OLIVEIRA

assistente

JULIANA SANTOS DA CONCEIÇÃO

monitora

CAMILA GONÇALVES ARAÚJO

oficineiro

RAFAEL BORGES

### **Guarulhos - SP**

Universidade Federal de São Paulo | Unifesp

produtora local

CAROLINA OTSUKA

assistente

RENAN SILVA TEIXEIRA

monitor

OSVALDO RIBEIRO RODRIGUES

oficineiro

GABRIEL CORDEIRO

### **João Pessoa - PB**

Universidade Federal da Paraíba | UFPB

produtor local

CARLOS FEDERICO BUONFIGLIO DOWLING

assistente

PAULO ROBERTO OLIVEIRA SANTOS

monitor

LUCAS BERNARDINO SILVA

oficineiro

WALDÉLIO PINHEIRO JÚNIOR

### **Macapá - AP**

Universidade Federal do Amapá | UNIFAP

produtor local

ALDRIN VIANNA DE SANTANA

assistente

PAULO ROBERTO OLIVEIRA SANTOS

monitor

LUKAH MIKHAIL MIRANDA MARTINS

oficineira

CARLA ROSANE AMORIM DA SILVA

### **Maceió- AL**

Universidade Federal de Alagoas | UFAL

produtor local

DAVID FARIAS TORRES CHAGAS

assistente

ADDA KAROLINA ALVES FEITOSA

JOSÉ RICARDO DOS SANTOS

monitor

JOÃO INÁCIO ROCHA DE ALENCAR

oficineiras

POLLYANNA ISBELO

MIRAN DE MELO

**Manaus - AM**

Instituto Federal do Amazonas | IFAM

produtor local

CARLYSSON BASTOS SENA

assistentes

GLEICE RODRIGUES

JULIAN JUAN DA SILVA SEVERICHE

monitora

SUZIANE NASCIMENTO BANDEIRA

oficineiras

WALLACE LIRA

**Natal - RN**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

produtoras locais

THERESA MEDEIROS

MÔNICA MOURÃO PEREIRA

assistente

LAIS RALLINE DE LIMA SILVA

monitora

SABRINA NASCIMENTO

oficineira

CECÍLIA MELO

**Niterói - RJ**

Universidade Federal Fluminense | UFF

produtoras locais

RACHEL ARANHA

TAÍS DAMACENO

oficineiro

LUCAS NASCIMENTO

**Palmas - TO**

Universidade Federal de Tocantins | UFT

produtor local

INGRID PEREIRA DE ASSIS

assistente

LÚCIA MORAES E SILVA

monitores

ANA ALICE DAMACENO

LUÍS PITOMBEIRA

oficineiro

MARCO TÚLIO PENA CÂMARA

### **Porto Alegre - RS**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul | UFRGS

produtora local

MIRIAM DE SOUZA ROSSINI

assistente

MARCO ANTÔNIO BOURSCHIED JÚNIOR

monitora

THÁRYS GUIMARÃES ESPINDOLA

oficineiro

JONATAS RUBERT

### **Porto Velho -RO**

Universidade Federal de Rondônia | UNIR

produtor local

JULIANO JOSÉ DE ARAÚJO

assistente

ALICE MARIA BASTOS BELO

monitora

KHAUANE OLIVEIRA FARIAS

oficineiros

JULIANO JOSÉ DE ARAÚJO

ANGÉLICA MENEZES

### **Recife - PE**

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE

produtora local

IOMANA ROCHA DE ARAÚJO SILVA

assistente

ISADORA MEDEIROS PIMENTEL DE MELO

monitor

ROBSON GABRIEL DOS SANTOS RODRIGUES

oficineiro

CAIO SALLES

### **Rio Branco - AC**

Universidade Federal do Acre | AFAC

produtor local

MICAEL CARMO CÔRTEZ GOMES

assistente

STEPHANIE CAROLINE MATOS DANTAS

monitor

MARCOS ALMEIDA DE MELO

oficineira

AMANARA BRANDÃO

**São Luís - MA**

Universidade Federal do Maranhão | UFMA

produtora local

MICHELE CABRAL

assistente

DAIANA ROBERTA SILVA GOMES

monitora

EUDEJAMES LOPES CALDAS

oficineira

FERNANDA RAFAELA SILVA COSTA

**Vitória - ES**

Universidade Federal do Espírito Santo | UFES

produtor local

ARTHUR FELIPE DE OLIVEIRA FIEL

assistente

DIANNA ALVES BIANCHI

monitor

RUAN SOUZA PERES

oficineiro

VICTOR MATTEDI

**Teresina - PI**

Universidade Federal do Piauí | UFPI

produtora local

MARIA FRANCILEIDE SOUSA

assistente

PEDRO VICTOR DA SILVA

monitora

KASSIA LETÍCIA RIBEIRO DA COSTA FERNANDES

oficineiro

MANUEL EDUARDO

# INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO | PRODUÇÕES LOCAIS







[www.mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br](http://www.mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br)

Parceiros Nacionais



**BRASILIANA**  
PRODUTORA CULTURAL



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA



Produção Nacional

DEPARTAMENTO DE cinema e vídeo



Realização

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA

